

100
ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

THEATRO DE MOLIÈRE

SEGUNDA TENTATIVA

O MEDICO Á FORÇA

COMEDIA Á ANTIGA

TRASLADADA LIBERRIMAMENTE DA PROSA ORIGINAL
A REDONDILHAS PORTUGUEZAS

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ
EM LISBOA NO THEATRO DA TRINDADE AOS 2 DE JANEIRO DE 1869

E SEGUIDA DE UM PARECER

PELO ILL.^{MO} EX.^{MO} SR.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

3.^a EDIÇÃO



COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1927

Sala 5

Gab. 57

Est. 25

Tab. 158

N.º

THEATRO DE BOJETA

O MEDICO A FORÇA

ANTONIO ELIZABO DE CASTILHO



1844

O MEDICO Á FORÇA

O MEDICO A FORÇA

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

THEATRO DE MOLIÈRE

SEGUNDA TENTATIVA

O MEDICO Á FORÇA

COMEDIA Á ANTIGA

TRASLADADA LIBERRIMAMENTE DA PROSA ORIGINAL
A REDONDILHAS PORTUGUEZAS

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ
EM LISBOA NO THEATRO DA TRINDADE AOS 2 DE JANEIRO DE 1869

E SEGUIDA DE UM PARECER

PELO ILL.^{MO} EX.^{MO} SR.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

3.^ª EDIÇÃO



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1927

INSTITUTO DE MEDICINA

O MEDICO A FORÇA

AMOR DO MEDICO DE CASALDO



COMISSÃO DE MEDICINA

A

FRANCISCO ALVES DA SILVA
TABORDA

DIGNO SUCESSOR DE MOLIÈRE

NA PARTE DO

MEDICO À FORÇA

O ADMIRADOR

AMICISSIMO DE AMBOS

A. F. de Castilho.

FRANCISCO ALVARO DA SILVA
FABRICA

DIRETOR GERAL DO INSTITUTO

MEDICO A FORÇA

DE

ESTUDIOS

DE

PESSOAS

FIGURAS DA COMEDIA E SUAS QUALIDADES	EXECUTANTES
SGANARELLO (Sganarelle) — lenheiro folgazão e velhaco.	<i>Francisco Alves da Silva Taborda.</i>
MARTINHA (Martine) — mulher de Sganarello, velha rustica.	<i>Delfina Perpetua do Espi- rito Santo.</i>
NORBERTO (Robert) — visinho e compadre de Sganarello.	<i>José Gregorio de Sousa Lima.</i>
JANUARIO (Géronte) — morgado e lavrador; abastado, viuvo, e sim- plorio	<i>Raymundo Queiroz Sar- mento.</i>
D. JULIANA (Lucinde) — moça esbelta, elegante, e esperta, filha de Januario, e amante correspondida de Valerio.	<i>Gertrudes Carneiro.</i>
JOAQUINA (Jacqueline) — rustica, ama de leite em casa de Januario; mulher de Lucas	<i>Emilia dos Anjos.</i>
LUCAS (Lucas) — creado de Janua- rio e marido de Joaquina; rustico alôrpado, e tomba lobos.	<i>Augusto Cesar de Almeida.</i>

BRAZ (Valère) — outro creado de
Januario, tambem rustico, mas um
tanto superior ao seu companheiro
Lucas *Francisco Maria Cardoso
Leoni.*

VALERIO (Léandre) — mancebo
nobre, amante correspondido de
D. Juliana. *Eduardo Joaquim Brazão.*

SIMÃO (Thibaut) — camponio rus-
ticissimo. *Alexandre Augusto das Ne-
ves Foito.*

THEOTONIO (Perrin) — filho de
Simão; outro pae por uma penna. . *Ernestina Duarte.*

(Aldeões e aldeãs; um d'elles cantador á viola;
e uma d'ellas cantadeira).

ACTO I

+

ACTOII

Estrada larga, correndo para o fundo a perder de vista. Á direita e junto ao proscenio a choupana em que moram Sganarello e Martinha; poial á porta, e parreiral por cima. Contigua a ella outra casa mais alta, habitação de Norberto. Da esquerda pinheiral, e á orla d'elle umas poucas de achas.

SCENA I

MARTINHA e SGANARELLO

(Martinha está á porta da choupana; Sganarello estrado de papo para o ar em cima do poial, com uns poucos de ramos de pinho, e o chapéu em cima por cabeceira. Ao pé encostado á parede o bordão.)

MARTINHA *(a Sganarello, apontando-lhe para as achas)*

Vai!

SGANARELLO

Não quero; já t'o dice.
; Quem é que governa aqui?

MARTINHA

Nunca vi tal mandriice!

SGANARELLO

Nunca tal rabuge vi!

MARTINHA

Má hora eu casei contigo!

SGANARELLO

Que impertinente mulher!

MARTINHA

Mandrião!

SGANARELLO

Já dice, e digo :
hei-de ir quando bem quizer.
Não quero agora, vês tu ?
Bem dizia Salamão
que todas as femeas são
da pelle de Barzabu.

MARTINHA

Vai tu mais elle ao diabo !
São más ; tem bichos ; não prestam ;
mas vocês porque as requestam ?

SGANARELLO

Todo eu por você me babo !

MARTINHA

Toleirão !

SGANARELLO

Pshiu ! pshiu ! menina !
Lá n'esse ponto — cuidado !
que eu fui seis annos creado
de um doutor de medicina.
Meu pae, o frei Valentim,
sujeito de muita pratica,
deu-me luzes de grammatica,
e falava-me em latim.
Fui soldado e marinheiro ;
corri mundo, e sei bastante.
¿ Julga-me algum ignorante,
por ser agora lenheiro ?
O rachar lenha não tira ;
os braços vão machadando,
e a ideia parafusando
cá dentro tira-que-tira !

MARTINHA

Sim, você machada munto !
eu lá vejo as avarias !

(apontando para as achas)

Passa já de quatro dias

O MEDICO Á FORÇA

que nem um feixe tem junto!
Mandrião! A sua vida
é só estender a perna...
feiras, passeios, taberna...
e a negra — lida e mais lida,
com quatro filhos ás costas...

SGANARELLO

Não podes pol-os no chão?

MARTINHA

Todos a pedir-me pão...

SGANARELLO

Açoita-os! faze-os em postas!

MARTINHA

Todo o meu recheiosinho
já lá vai; têm-m'o comido.

SGANARELLO

Mentes; parte foi bebido,
que eu não sei comer sem vinho.

MARTINHA

Até o catre vendido!...

SGANARELLO

Assim, ergues-te mais cedo.

MARTINHA

Parece a casa um degredo!
nem um traste!

SGANARELLO

E o teu marido?

(pausa)

Mas lá isso de mobilia,
vender-se, foi bom. Descança.
Té dá gosto uma mudança
sendo os trastes só familia!
E os fogos! se vem um fogo,
pões-te a rir; não tens que te arda.
Tenho trabalhado em barda!
preciso de um desafoço;
acabou-se.

MARTINHA

Antes a mim
me tivesse dado um ar
que me tolhesse o falar,
do que eu ter-lhe dado o sim!

SGANARELLO

¿ E eu d'estas zangas eternas
não 'stava mui livre e são,
se quando ia dar-lhe a mão
tivesse quebrado as pernas ? !

MARTINHA

Amen ! ¿ Onde é que elle havia
achar outra tão calada,
tão soffrida, tão honrada ? ...

SGANARELLO

Nós lá n'isso de honraria
é melhor que não bulamos.
Tu que sabes e eu que sei,
cal'te, que eu me calarei,
como dizia André Ramos.

MARTINHA

Mas, emfim, não me dirás
o que é que queres que eu faça ?

SGANARELLO

Ora a pergunta tem graça !
que vivas em muita paz,
que deixes lá desatinos,

que para mim vem barrados,
e dês ao demo cuidados,
e folgues co'os teus meninos

MARTINHA

E tu ahí no poial
a espojares-te, jumento !

SGANARELLO

Não gostas ? pois cá me assento.

(Senta-se, e põe-se a olhar para a parreira)

Que bonito parreiral !

(pausa)

Este anno ha-de ser de vinho !
Quando Deus as uvas fez,
sempre estava mais de vez,
do que quando fez o pinho !

MARTINHA

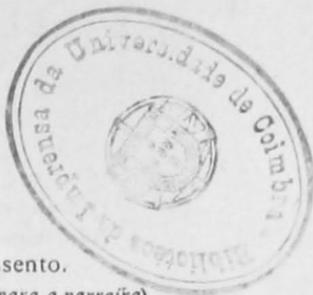
Bruto !

SGANARELLO

Não me chames bruto,
olha que eu ! .. Não digo nada.

MARTINHA

De mais a mais ameaçada ? !
Deixe a mulher, poupe o lucto !
Alimária !



SGANARELLO

Mulhersinha!
comem-te as costas?

MARTINHA

Mau homem!
Que lhe importa se me comem?
Não tenho medo.

SGANARELLO

Martinha!

MARTINHA

Não tenho medo, e não tenho,
já dice.

SGANARELLO

Lindo feitiço,
olha o pau!

MARTINHA

Metta-se n'isso!
Veja se precisa empenho!
Ande! resolva-se! toze!
Depois... sabe como eu mordo.

SGANARELLO

Meu tudo, se estás d'accordo,
eu sempre te arrumio a doze.

MARTINHA

Borrachão!

SGANARELLO

E olha que arrumo!...

MARTINHA

Odre!

SGANARELLO

Eu casco-te!

MARTINHA

Madraço!

SGANARELLO

Eu desanco-te o espinhaço,
até lhe ver deitar fumo!

MARTINHA

Biltre, patife, tratante,

valdevinos, relaxado,
mondongo, cão, descarado,
ladrão, mostrengo, birbante,
sem vergonha!

SGANARELLO

Como queres,
lá vai quem te o pó sacode.
(Agarra no bordão e prega duas arroxadas em Martinha)

MARTINHA

Aqui d'el-rei! quem me acode!
Aqui d'el-rei!

SGANARELLO

Com mulheres
o *cala-te* verdadeiro,
quando a lingua lhe estrabucha,
é este. O marmello embucha,
mas não chega ao marmelleiro.

SCENA II

Os mesmos e NORBERTO (*que sai da sua casa*)

SGANARELLO (*dando mais uma bordoadá em Martinha*)

E ahí tens mais para o não chega.

MARTINHA

Aquí d'el-rei!

NORBERTO (*correndo a apartal-os*)

Alto lá!

Quem é que em mulheres dá?
Temos cá festa gallega?
Não seja bruto, visinho;
deixe a mulher; bem lhe basta
a má vida que ella arrasta
com tanto filho, e sem ninho!

MARTINHA (*para Norberto*)

¿Que importa ao senhor Norberto
como o meu homem me trata?
e eu quero que elle me bata.

NORBERTO

Bem; agora fico certo.
Pois bata á sua vontade.

MARTINHA

Que lhe importa a vida alheia?

NORBERTO

Tem razão.

MARTINHA

Nem que a tarefa
fosse n'elle!

NORBERTO

Isso é verdade.

MARTINHA

¡ Não querem ver o descoco
d'um visinho intromettido,
a prohibir que um marido
dê na mulher!

NORBERTO

Sim, fui louco.

MARTINHA

Tomára que me dicesse
o que tem com isto!

NORBERTO

Eu nada,

MARTINHA

Doeu-lhe muito a maçada?

NORBERTO

A mim não.

MARTINHA

Pois não parece!
Vêm-se coisas n'esta vida,
tão tolas, tão mal creadas...

NORBERTO

que só duas bofetadas...

MARTINHA (*dando-lhe uma bofetada*)

Fica-lhe uma inda devida;
querendo, torne por ella.

NORBERTO (*para Sganarello*)

Compadre, já me desdigo;
fez bem. Se fosse comigo,
quebrava-lhe uma costella.

O MEDICO Á FORÇA

Vá, dê-lhe mais, toze, mace;
nunca melhor coisa fez!
deu gosto aos dois, mesmo a tres.

MARTINHA (*á parte*)

Elle apanha na outra face.

NORBERTO

Para outra vez, se cançar
em meio da toza (é perto)
chame o visinho Norberto,
que eu o virei ajudar.

SGANARELLO

Obrigado! Não faz mingua.
Um homem dá na mulher
quando quer; quando não quer
não lhe dá senão co'a lingua.
Acabou-se.

NORBERTO

Bem.

SGANARELLO

Tomára
saber se está co'a perua.
A mulher é minha, ou sua?

NORBERTO

Minha !? o Senhor me livrára!

SGANARELLO

Escuso conselhos.

NORBERTO

Bem.

SGANARELLO

E dispenso ajudas.

NORBERTO

Bello!

SGANARELLO

Eu chamo-me Sganarello,
e sei o que me convem.
Não é você quem m'o ensina,
você, leigarrão chapado,
a mim, que até fui creado
de um doutor de medicina!
Já Cicero lá dizia...
não me lembra agora o quê.

Ponha-se-me a andar você,
se não quer também folia.

*(Dá-lhe uma lambada de dente vilhado. Norberto foge para casa,
e poucos momentos depois põe-se à janella a ver o que vai.)*

SCENA III

SGANARELLO e MARTINHA

SGANARELLO *(ainda para Norberto)*

Vae-te co'a trúpia.

(voltando-se para Martinha)

Acabou-se;

foi chuva de trovoada.

A mão.

MARTINHA

Depois de tozada!

És como a fruta agri-doce?

SGANARELLO

Não foi nada. Agora amúa,
se te parece; vá; toca.

MARTINHA

Não.

SGANARELLO

Governe a espada á roca,

diz Platão n'uma obra sua ;
meu pae tambem o dizia
Toca.

MARTINHA

Não quero.

SGANARELLO

Não ?

MARTINHA

Não.

SGANARELLO

Martinha !

MARTINHA

Não.

SGANARELLO

Coração,
Martinhinha, vamos, ria !
Dê cá essa mão de neve ;
não teimes ; bem vêes que é minha.
Custa-te a erguel-a, Martinha ?

NORBERTO *(à janella falando para a rua)*

Pois olha que a tem bem leve !

MARTINHA

Quero estar arrenegada.

SGANARELLO

Não é caso para isso.

MARTINHA

Nada, não!

SGANARELLO

Vá, meu feitiço!

MARTINHA

Deixaste-me derreada.

SGANARELLO

Toca, e peço-te perdão.

MARTINHA

Já que se humilda, vá lá!

(á parte)

Mas elle m'o pagará.

NORBERTO (*á janella falando consigo*)

Grande coisa é ter bordão!

(*Martinha e Sganarello tocam e sacodem as mãos um ao outro.*)

MARTINHA

Ora ahi tem; já está contente?

SGANARELLO

Podéra!

MARTINHA

Fui bem tozada.

SGANARELLO

Uma pequena maçada
augmenta a amisade á gente.
Não é mau de vez em quando
ás amisades cançadas,
com cinco ou seis bordoadas
il-as de novo acordando.
E agora, luz dos meus olhos,
vê como eu por ti me mato:
lá vou suar para o matto;
conta-me hoje com cem molhos.

(*Sganarello entra de relance em casa, e torna logo a sair com uma
borracha de vinho. Toma o machado que estava ao pé das achas,
e parte com elle ás costas pelo pinhal dentro.*)

SCENA IV

MARTINHA na estrada, NORBERTO na janela

MARTINHA

'Stou moída como um sal!
porém, a poder que eu possa,
hei-de-me vingar da cossa
n'aquelle grande animal.
Eu não sei o que dizia
o Pratão nem o Salmão,
mas sei que é bem toleirão
quem mulheres desafia.
Sem pau nem pedra ha castigo;
assim a mulher o queira!

NORBERTO (*consigo*)

Lá lhe lembra alguma asneira,

MARTINHA (*parecendo-lhe ter ouvido o visinho*)

Que é?

NORBERTO

Nada, falo comigo.

MARTINHA (*continuando o seu discurso*)

Mas não quero; co'o marau

isso era vingar-me á fina ;
grande ha-de ser a mofina
se o eu não castigo a pau.

SCENA V

A mesma, NORBERTO sempre á janella, BRAZ
e LUCAS, que veem com os seus bordões
na mão pela estrada a baixo

*(Lucas e Braz não vêem a Martinha,
que está sentada á sua porta a scismar, e tambem os não vê a elles)*

LUCAS

Ora o dianho da aquella
em que nosso amo nos traz !
Já me isto cheira a esparrella ;
não fazemos nada, Braz.

BRAZ

Cuido que não ; mas, em summa,
vamos sempre procurando ;
nosso amo, coitado, fuma
de ver a filha penando.
E tem razão, que a moçoila
parece um palmito bento !
cara de lyrio e papoila,
risinho entre meigo e isento...

LUCAS

Espertita, e mui sizuda!

BRAZ

Pois boa cá para a gente!

LUCAS

É verdade! e agora muda!
coitadinha!...

BRAZ

E de repente!
Deu-lhe aquillo como um raio!

LUCAS

E quando a iam casar!

BRAZ

Eu por mim, inda não caio
no que fosse aquelle azar.

LUCAS

Algum mau olhado, eu sei!
ou então coisa ruim.

BRAZ

Eu agora é que atinei,
quer-me parecer a mim...

LUCAS

Coisa ruim?

BRAZ

Nada.

LUCAS

Olhado?

BRAZ

Qual! tudo isso é frioleira;
alli anda, mau peccado,
tramoia de feiticeira.

LUCAS

E olha que déste no ponto.

BRAZ

E o pae que de dinheirama
não tem gasto como um tonto
co' os medicos de mais fama!

LUCAS

Elle, o pae, tenho eu ouvido

que é materialão d'escacha;
não é?

BRAZ

É pouco previsto;
sim: não inventou a gracha!

LUCAS

Tu que és já na casa antigo,
e tens mais conhecimento,
não me dirás, como amigo,
a historia do casamento?

BRAZ

Sim digo, e não é segredo:
o pae ajustou casal-a
co'o jarreta do Macedo,
que tem muito e lhe faz salla.
Elle...

LUCAS

O noivo?

BRAZ

Pois quem! eu?

LUCAS

Vá!

BRAZ

Diz que, em chegando a boda,
co'a burra que Deus lhe deu

regala a familia toda !
e a nós dois, principalmente,
se, com a divina ajuda,
desencantarmos vivente
que saiba curar-lhe a muda.

LUCAS

Sem isso não ha casorio ?

BRAZ

Claro está.

LUCAS

Coitada d'ella !
se não tem mais responsorio,
dou que ha-de morrer donzella.
É triste !

BRAZ

Oh! se é! e bem serio ;
mas lá para ella não...
Fosse co'o senhor Valerio,
como é co'o Macedo... então,
é que havia de ter freima !

LUCAS

Ah! gosta d'esse?

BRAZ

Está visto ;
mas o pae teima, e reteima.

MARTINHA (*consigo*)

Como arranjarei eu isto?!
Se me não vingo arreberto.

LUCAS (*continuando a conversar com Braz*)

As mulheres são malucas.
Não gostar d'um casamento
com tanta chelpa!...

BRAZ

Meu Lucas,
tu não és mulher.

LUCAS

Bem haja
minha mãe que me deu macho!
Se houvera nascido gaja,
quer-me parecer...

MARTINHA (*s. mpre absorvida no seu pensamento,
e sem attentar n'elles*)

Não acho;
não me occorre nada.

BRAZ

Agora
que descansámos bastante,
continuemos por hi fóra
a bater matto.

LUCAS

É seccante
andar perguntando á tôa
por quantas aldeias topas :
— « dão noticia de pessoa
« que torne a fala a cachopas ? »
Até parece brinquedo,
ou coisa de caçoada.
Nós, ou mais tarde ou mais cedo,
apanhamos bordoada.
Mas vá lá!

BRAZ (*reparando em Martinha*)

Vejo alli gente.

(Caminham para Martinha ; Braz tira-lhe o seu chapeo)

Ora salve-a Deus, santinha!

MARTINHA (*levantando-se, e fazendo mesura*)

Com Deus venham!

LUCAS

'Stá doente?

MARTINHA

Não senhor.

LUCAS

A cara ..

BRAZ

Eu tinha
que perguntar-lhe.

MARTINHA

Pois diga ;
se eu souber responderei.
Mas assentem-se ; a fadiga
não será tamanha...

LUCAS

Eu sei...
talvez que nem se ella acabe
em cem annos que vivamos.

MARTINHA

Todos têm cruz : só Deus sabe
o que nós tambem passamos !
Quem tem filhos e pobreza...

LUCAS

A sua graça ?

MARTINHA

Martinha,
para os servir. Com franqueza :
entrem. A casa é pobrinha ;
mas emfim...

LUCAS

Muito obrigado,
tia Martinha; aqui fóra
corre um fresco regalado!

BRAZ

E a coisa pouco demora.
Ambos nós somos creados
do Morgado do Géstal.

MARTINHA (*fazendo-lhe mesura*)

Muitos annos bem logrados!

LUCAS (*para Braz*)

Vá; não lhe estendas panal;
dize breve; a creatura
ha-de ter mais que fazer;
se te pões com seccatura...

MARTINHA

Ai! fale; eu tenho lazer.

BRAZ

Ha uma moça...

LUCAS

E de truz!

BRAZ

Que emmudeceu.

LUCAS

De repente.

MARTINHA

Santo Nome de Jesus!
muda?

BRAZ

Muda.

LUCAS

Inteiramente.

BRAZ

Nosso amo, o pae...

LUCAS

Gente rica;
familia muito capaz.

BRAZ

Com medicos e botica
tem gasto...

LUCAS

Abrevia, Braz.

MARTINHA

E a muda?...

LUCAS

Sempre na muda.

MARTINHA

Pobre mulher! coitadinha!
sem falar! com tal caluda
quem morria era a Martinha.

BRAZ

O pae, já descoroçoado
de medicos palradores,
lambrou-se...

LUCAS

Foi bem lembrado,
Deus me perdõe!

BRAZ

Que os doutores
nunca podem saber tudo,
e que ás vezes cá por fóra
um ferrador, um lanzudo,
uma velhusca...

MARTINHA

Ora! ora!

BRAZ (*continuando*)

adrega terem receitas,
e rezas tão approvadas,
que tornam sãs e escorreitas
pessoas desenganadas.

LUCAS

Ora ahí tem.

BRAZ

¿ Não me dirá
se por aqui, longe ou perto,
para este achaque haverá
quem saiba remedio certo?

MARTINHA

Por aqui...

LUCAS

Sim, quem dê fala
a gente muda...

MARTINHA (*apalpando as costas doridas, e á parte*)

Antes sei
de um, que, se a gente não cala,
a emmudece.

(*com alvoroço*)

Oh! bello! achei.

(*alto*)

Vieram á melhor porta
a que podiam bater.

LUCAS

Pesar de minha avó torta!
pois sabe?...

BRAZ

E vai-nos dizer
benzilhona, ou curandeiro,
que faça falar minh'ama?

MARTINHA

Um medico verdadeiro,
que se ri dos de mais fama.

O MEDICO Á FORÇA

Faz milagres; tem-n-os feito
por ahí a toda a gente;
até a mim. Tenho a peito
pagar-lhe mui pontualmente.
Por ora ainda não pude;
mas dando-lhe estes freguezes...

BRAZ

E terão tanta virtude
os seus remedios?...

MARTINHA

A's vezes
faz coisas... que uma pessoa
até se põi a gritar!

LUCAS

Então cura-a?

MARTINHA

Essa é boa!
Pois não a havia curar?

LUCAS (*para Braz*)

Isto foi Deus que nos trouxe!

BRAZ

Vossa mercê foi um anjo.

LUCAS

Abraçava-a, se não fosse
fazer-lhe algum desarranjo.

MARTINHA

De quê? que monta um abraço?

LUCAS (*abraçando-a*)

Então lá vai.

MARTINHA (*confrangendo-se*)

Olhe o lombo
que me doe!

BRAZ (*para Lucas*)

Basta, madraço!

LUCAS (*a Martinha*)

Doi-lhe de quê?

MARTINHA

Foi de um tombo
que um pau me deu no costado.

LUCAS

Tendo tal medico á mão,
não é coisa de cuidado.

BRAZ

O nome d'elle?

MARTINHA

É Simão,
mas chamam-lhe o Sganarello;
era alcunha, mas pegou:
até elle a assigna...

BRAZ

Bello!

E onde mora?

MARTINHA

Onde? não vou
ensinar-lhe pessoalmente
o sitio onde sei que está,

porque não posso ao presente
deixar a casa.

BRAZ

Será
longe d'aqui?

MARTINHA

Muito perto.

LUCAS

E nós somos caminheiros.

MARTINHA

Pois lá

(apontando para o pinhal)

o encontram de certo,
que elle anda a cortar pinheiros.

BRAZ *(rindo)*

Cortar pinheiros!

MARTINHA

Não ria;
falo serio.

BRAZ

Elle! um doutor!
a fazer lenha!

LUCAS

Que tia
tão farcista!

MARTINHA

Não senhor,
não é risota; verão.

LUCAS

Eu pasmo; e tu não te espantas?

BRAZ

Já dei co'a adivinhação;
anda á procura de plantas,
de bichos, e de rezinas
que se criam nos pinheiros.
Atinei?

MARTINHA

Quaes medicinas!
Trabalha como os matteiros.
Cada mão d'elle é um callo;
e tem força!!

(apalpando o lombo)

NORBERTO (*ainda à janella, e falando consigo*)

Olé se tem!

BRAZ

É celebre!

MARTINHA

O seu regalo
é que o julguem já-ninguem.
Vão-lhe lá chamar doutor;
nem pestaneja.

LUCAS

Ouves, Braz?

BRAZ

E medico?

MARTINHA

Tambem faz
orelhas de mercador.

LUCAS

Que sabio tão exquisito!

MARTINHA

Ai! nem lh'o eu posso contar.

O MEDICO Á FORÇA

BRAZ

E os signaes? feio, ou bonito?
baixo, ou alto? e o seu trajar?

MARTINHA

Não é bonito, nem feio;
alto, nem baixo; é tal qual.
No fato pouquinho aceio;
parece um sarrafaçal.
Collete roxo e amarello;
jaqueta de verde-gaio.

LUCAS

Temos doutor papagaio.

BRAZ

Basta; o retrato está bello.

MARTINHA

Até se finge ignorante,
e apoucado do juizo.

BRAZ

Que homem tão extravagante!

MARTINHA

Chega até a ser preciso
para ir ver algum doente
e confessar que é doutor,
dar-lhe paulada á mão tente.

LUCAS

Senão não vai ?

MARTINHA

Não senhor;
não tenha medo. Nós cá
usamos d'esta receita.

LUCAS

Pois o homem quererá?...
valha-o a elle a maleita!

MARTINHA

Não sei; o que sei, e digo,
é que sem tunda não vai.

BRAZ

Tozar-se-ha o nosso amigo.

MARTINHA

Deixal-o gritar ai! ai!
dêm sem dó nem consciencia;
só lá na cabeça não,
que isso estragava a sciencia.
Aqui, onde eu ponho a mão,
é que é ferrar-lh'as á teza.

(indica nas costas o logar dorido)

BRAZ

Bom: não ponha mais na carta.

MARTINHA

E a menina com certeza
ha-de falar. Dêm-lhe á farta.

LUCAS

Eu coisa deste feitio
nunca ouvi.

MARTINHA

Não, não.

BRAZ

Nem eu.

LUCAS

Segundo eu cá desconfio,
o sabio é grande sandeu.

BRAZ

Parece-o.

MARTINHA

E parece. Eu digo
que os milagres que elle faz
vêm de Deus ou do inimigo,
que elle não era capaz.
Olhem esta. N'outro dia,
(isto até parece galga)
morreu de uma puplecia
uma senhora fidalga.
Chamou-se toda a mestrança ;
estava morta, e bem morta,
fria, verde, e com uma pansa...
olho em alvo, a bocca torta,
emfim, defuncta, defuncta.
Mais de seis horas passadas,
estando a familia juncta,
chega o doutor das pauladas,
saca do bolço um vidrinho,
chega-lh'o ás ventas ; de sorte
que deu logo um espirrinho
com que espirrou fóra a morte.
Salta-me abaixo da cama,
e, como se nada fosse,

O MEDICO Á FORÇA

ahi me tem vocês a dama
no quarto a passear.

LUCAS

Salvou-se?!

E vive?!

MARTINHA

Está viva e fera.

BRAZ

O vidrinho era de gaz,
talvez.

MARTINHA

Não sei cá de que era.

Ha dois mezes, um rapaz
sobe-se á torre da egreja,
ao cheiro das andorinhas,
escorrega, (salvo seja)
faltam-lhe ambas as mãosinhas,
descamba d'aquella altura,
bate em baxo no lagedo,
e alli fica a creatura
n'um bolo, que punha medo!
Partiu as pernas e um braço,
tres costellas, e a cabeça,
e estoirou-lhe dentro o baço.
Quer Deus que alli appareça
por acaso o meu doutor;
convidam-n-o co' uma sova

a ir logo logo, pôr
no morto uma vida nova.
Esfrega-lhe o corpo todo
co' uns unguentos que elle faz,
a modo de côr de lodo ;
ergue-se em pé o rapaz...

LUCAS

Conhece-o ?

MARTINHA

Perfeitamente.
Se era o Joze da Francisca !
Logo alli (viu toda a gente)
poz-se a jogar a petisca.

LUCAS

Aquillo o homem tem parte !
ou sabe a magica branca.

BRAZ

Ou aprenderia a arte
nas covas de Salamanca.

MARTINHA

Lá onde aprendeu não sei ;
sei que faz d'isto. Vão, vão ;
não percam mais tempo.

O MEDICO Á FORÇA

BRAZ

Irei.

MARTINHA

Não se esqueçam...

LUCAS

Do bordão?

Cá vai; não tenha cuidado.

MARTINHA

E é rijo?

LUCAS

Já deu marmello.

BRAZ (*para Martinha*)

No pinhal?

MARTINHA

D'aquelle lado.

LUCAS

E chama-se?...

MARTINHA

O Sganarello.

Vou para a minha casinha
erguer os pequenos.

BRAZ

Vá.

LUCAS

Fois adeus, tia Martinha.

BRAZ

Fique-se com Deus por cá.

LUCAS

E obrigado!

BRAZ

E agradecido!

MARTINHA

Ora essa! não tem de quê

NORBERTO (*da janella, á parte*)

Arranjou bem o marido;
que tal é sua mercê!

SCENA VI

Os mesmos excepto Martinha, que se recolheu para casa;
NORBERTO, que saiu da sua, e SGANARELLO,
que se ouve dentro no pinhal, mas ainda se não vê.

SGANARELLO (*cantando*)

Ai! lé! trilolé! ai! lé!
ai! lé! trilolé! meu bem!

BRAZ (*para Lucas*)

Não ouves?

LUCAS

Oiço: mas que é?

BRAZ

Será elle que lá vem?

LUCAS

Nada; aquillo não caminha;
tu não sentes o machado?

BRAZ

Bem nos dizia a Martinha;
que sabio tão desmanchado!

NORBERTO (*para Lucas e Braz*)

Bons dias!

LUCAS E BRAZ

Muito bons dias!

BRAZ

O senhor não nos dirá
quem é que canta acolá?

LUCAS

Elle não são cotovias,
nem raxinoes.

BRAZ (*para Lucas*)

Cal'-te ahi.

SGANARELLO (*ainda dentro, repetindo ao compasso do machado*)

Ai! lé! trilolé! ai! lé!

NORBERTO

Aquillo é o doutor; oh se é!
Eu logo o reconheci.

BRAZ

Então sempre elle é verdade
que o tal medico, ou doutor,
se disfarça em rachador?

NORBERTO

É verdade, e reverdade.

BRAZ

E mesmo assim cura tudo?

NORBERTO

Tudo, tudo; aqui estou eu,
que, co' um mal que Deus me deu,
se não fosse elle, era mudo.

LUCAS

E então curou-o?

NORBERTO

Bem vê.

BRAZ

Pois nós vamol-o b scar,

para tambem nos curar
outra muda.

NORBERTO

Sua mercê
já sabe que sem paulada?...

BRAZ

Sabemos; os paus cá vão.

NORBERTO (*apontando para o varapau de Lucas,
e falando com Braz*)

aquelle é bem bom bordão;
mas o seu não vale nada;
parece uma bengalinha;
se quer trocar...

BRAZ

Trocarei.

*Trocam entre si. Norberto entrega a Braz o seu grande e grosso
cajado, e recebe d'elle o pau, que é delgado e curto.)*

NORBERTO

Vá; com essa vara minha
póde bater.

BRAZ

Baterei.

SCENA VII

Os mesmos, excepto Norberto, que se recolheu para casa, e SGANARELLO que sai do pinhal, senta-se em cima de um feixe de achas que trouxe ás costas, limpa o suor da testa, e saca de baixo do braço para cima dos joelhos a borracha de vinho.

SGANARELLO (*que ainda não deu por Braç e Lucas*)

Tambem não vai a matar.
Trabalhar de mais é vicio.
O diabo leve o officio,
mais quem inventou rachar!

(*Pausa*)

Aqui, á beira da estrada,
com as costas contra o pinho,
até a modo que o vinho
sabe melhor! Vem cá, fada;

(*fallando com a borracha*)

vou-te pregar um tal beijo,
que fiques consoladinha.
Esta é melhor que a Martinha.

(*Pausa*)

Assim eu tivera queijo!
Adeus! se não ha, não ha.
Sou philosopho; imagino
sabor de queijo londrino;
que o vinho é como o maná.
Han! han! borrachinha.

(*Põe a borracha á bocca*)

Abaixo!

(Depois de beber)

Eu não sei como alguém acha,
sendo tão boa a borracha,
não ser bom o ser borracho!

(Canta)

Ai! lé! trilolé! ai! lé!

(Torna a fallar)

Porque é que Deus não faria
os rios de malvazia...
pelo menos, de agua-pé?
Mysterios!!!...

(Torna a beber)

Aqui na estrada
sinto-me até mais contente;
sempre pôde passar gente,
e lá nos pinhais nem nada.

(Torna a levar a borracha à bocca)

Dá cá outro; é que faz calma!

(Depois de beber)

Borracheta de uma figa,
ver-te sempre de barriga
era o gostinho d'est' alma.

(Pausa)

A lida de um lenhador
é mais salgada que atum.
Que sede! Venha mais um,
pretinha, meu rico amor!

LUCAS *(a Braç, em voz baixa)*

E olha que é elle!

BRAZ

De certo.

SGANARELLO

Trilolé! Viva a alegria!
Vou ter um famoso dia.

BRAZ

Vamol-o ouvir de mais perto.
(*Aproximam-se*)

SGANARELLO (*acofiando com a mão a borracha*)

Remedio que sara tudo!
Elle experta, elle dá somno,
elle torna alegre um mono,
elle faz fallar um mudo...

BRAZ

Vês? É elle. Olha a receita!

LUCAS

Sempre apanhâmos a posta.

BRAZ

Não vê os moiros na costa,
por isso inda não trejeita.

SGANARELLO (*canta o seu estrebilho, mas, reparando nos dots que o estão a ouvir, vai progressivamente abaixando a voz, e interrompendo-se como desconfiado*)

Olé! tri... lolé... ai! lé!...
olé! trilolé... meu... bem!...

(*Os dois vão-se achegando cada vez mais : elle á parte*)

Porque é que estes homens vêm
para aqui pé ante pé?
Serão ladrões? Vem armados!...
e o machado no pinhal!
Adeus! Não tendo eu real,
São elles os embaçados.

BRAZ (*para Lucas em voz baixa*)

É, não tem duvida.

LUCAS

E, sim;
é elle, escrito e escarrado.

(*Sganarello põe a borracha no chão, para, se for necessario, levantar-se a comprimental-os. Lucas, chegado já muito perto, tira o chapéu, e iuctina-se a fazer-lhe uma cortezia muito profunda. Sganarello tira tambem o seu chapéu, no que é imitado por Braz. Lembrando-lhe que será para lhe apanhar a borracha, muda-a para o outro lado. Braz vem fazer-lhe tambem sua cortezia da banda onde está a borracha, e Sganarello apanha-a outra vez muito depressa, e encosta-a á barriga, cobrindo-a com o braço*)

SGANARELLO (*á parte*)

Cochicham co' o olho em mim!
Mau! Já estou desconfiado.

LUCAS

Meu senhor!

SGANARELLO

Viva!

LUCAS (*á parte*)

Amarello,
verde, e encarnado; tal qual.

(*alto para Sganarello*)

Não é o senhor um tal
que se chama Sganarello?

SGANARELLO (*voltando-se ora para Lucas, ora para Braç*)

Conforme: sou, e não sou.

LUCAS

Sou e não sou, não se entende.

SGANARELLO

Diga o que d'elle pretende;
verei que resposta dou.

BRAZ

Pretendemos veneral-o,
admiral-o, vel-o, e ouvil-o

LUCAS

E, se for mister, servil-o

SGANARELLO

Então, sou eu.

BRAZ

Que regalo
o acharmol-o, meu senhor!

SGANARELLO

Que negocio aqui vos traz ?

LUCAS

Eu e o meu amigo Braz
queriamos...

SGANARELLO

Faz favor...
podem sentar-se... ou no chão,

O MEDICO Á FORÇA

ou aqui sobre esta lenha;
sinto que a sala não tenha
melhor canapé.

LUCAS (*á parte para Braz*)

Ratão !
Gosto d'elle.

BRAZ (*para Lucas, em voz baixa*)

É divertido.
(*alto para Sganarello*)
Não é mister; obrigado!
Oiça-nos d'ahi sentado,
que deve estar bem moido.

SGANARELLO

Isso, estou.

LUCAS

Ora podera !

BRAZ

Para o que nós procuramos . . .

LUCAS

Da parte dos nosso amos,
gente ricaça . . .

BRAZ

Não era,
pelas inculcas que temos,
não era possível dar
com quem podesse arranjar
melhor o que nós queremos.

SGANARELLO

Sendo coisa cá da arte...
Sou homem de consciencia;
Verão.

BRAZ

A sua sciencia
tem fama por toda a parte.
Faz favor de se cobrir;
que se póde constipar!
Para nós era um pezar
o darmos-lhe que sentir.
Vá, cubra-se, meu senhor!

LUCAS

Barraca acima!

SGANARELLO (*á parte*)

Freguezes

O MEDICO Á FORÇA

inda os não vi mais cortezes
desde que sou rachador.

(alto)

Pois cá vai; porém com tanto
que se hão-de cobrir também.

BRAZ

Obedecemos.

LUCAS *(em voz baixa para Braç)*

Não tem
suberba nenhuma.

(alto)

Pranto,
(pondo o chapeo)
já que manda.
(Cobrem-se todos tres)

BRAZ

Meu senhor,
a sua fama é tammanha!...

SGANARELLO *(dá parte)*

Sabem-n-a toda; tem manha,
mas dão com mau vendedor.

BRAZ

Não ha homem tão capaz
como o senhor.

SGANARELLO

Sim, senhor :
no officio de rachador
não acham outro.

LUCAS (*baixo para Braz*)

Olha, Braz,
lá vem já co'a pacholice.

SGANARELLO

Lá paus mais bem amanhados,
nem mólhos mais atuchados,
nem mais em conta... já dice,
escusam de andar buscando
aqui por estes contornos.
Então pinho para fornos !
carradas como as que eu mando
ninguem as dá tão baratas ;
e mais podem-se informar.

BRAZ

Tudo isso é chover no mar.
Escusamos pataratas ;
vamos á nossa incumbencia.

SGANARELLO

Não são pataratas : pinho,

O MEDICO Á FORÇA

médas boas, a quartinho ;
achas...

BRAZ

Tenha consciencia ;
pense...

SGANARELLO

Por menos, não posso ;
são dois mil réis o milheiro.
Cuidam que é muito dinheiro ?
Não é.

BRAZ

Não troce !

SGANARELLO

Não tróço :
isto é o ultimo.

LUCAS

Senhor !
Vamos, chegue-se á razão.

SGANARELLO

É isto ; convem-lhe, ou não ?

BRAZ

Admira ! Um senhor doutor,

um sabio, que sabe tudo,
querer agora comnosco
assim cum fallar tam toscos
fazer papel de lanzudo!

SGANARELLO

Não percebo.

(à parte)

É doido.

LUCAS

Vamos,

basta de brincos, senhor!

BRAZ

Senhor doitor!

SGANARELLO

Que doutor!

Doutor será elle.

BRAZ

Estemos

já fartos d'esse desfarce;
vamos, ceda!

SGANARELLO

Ceda a quê?

Que diabo quer você?

BRAZ

Que não atême a occultar-se.

SGANARELLO

A occultar-me ! Pois então
você não vê o meu vulto ?
Se o vê, como é que eu me occulto ?
Cheira-me isto a mangação !

LUCAS

Occulta a sabedoria ;
agora persevejou ?

SGANARELLO

Então quem julgam que eu sou ?

LUCAS

Zombe vossa senhoria :
não sabemos bellamente
que não ha em todo o mundo...

BRAZ

um medeco mais profundo...

LUCAS

que int. resuscita gente?

SGANARELLO

Eu! eu medico era mina.
Se eu mitasse um desgraçado,
havera ser a machado,
que nar'a com medicina.

LUCAS

Senhor boitor, não atême.

SGANARELLO

Que tal stá a birra!

LUCAS

Mau!

SGANARELLO

Nas mi...tas achas me eu queime,
se...

LUCAS

Ambos nós tragemos pau,
senhor boitor!

SGANARELLO

Gosto d'isto.
Querem-me a pau doutorar.

BRAZ

Senhor doitor, confessar,
já ; pelas chagas da Christo
le pedimos de mãos postas !

SGANARELLO

Que sou medico ! vocês
são ...

BRAZ

Pela ultema vez ;
confesse ... ou vamos-le ás costas.

SGANARELLO

Não fui, não sou, nem serei.
inda que me abra o toitiço.

BRAZ

Intão com lecença : atiço.
(*Dá-lhe uma bordoadá*)

SGANARELLO

Irra ! bruto !

(Lucas arruma-lhe outra bordoadá)

Aqui d'el-rei !

aqui d'el-rei que me matam !

BRAZ *(dando-lhe outra bordoadá)*

Nã grites, doitor, nã grites !

SGANARELLO

Isto passa dos limites.

LUCAS *(atirando-lhe outra)*

É, ou não ?

SGANARELLO

Sou, sou ; não batam !

LUCAS

Ah ! Prabêns !

BRAZ

Té Déu laudemus !

Vanha um abraço.

LUCAS

Oitro abraço!

SGANARELLO (*quando o vã. vara abraçar*)

Não me toquem no espinhaço,
que o tenho a arder.

BRAZ

Nã toquemos.

LUCAS

Nã faz ideia da pena
que tivemos de ir-le pello!

SGANAREL

E eu de tomar tal capello
suppõem que a tive peouena?
Mas, agora que amañaram,
digam-me por que motivo
hei-de eu ser facultativo,
sem n-o ser?

LUCAS

Se nã bastaram
as quatro rezões que demos,

temos mais de igual vegor,
e ellas ahí vão.

(meneando o pau no ar para amostra)

SGANARELLO

Com mil demoç!

Basta; bem sei; sou doutor,
sou medico, boticario,
cirurgiãõ, enfermeiro,
gato pingado, coveiro,
quanto queiram; e hervanario.

(À parte)

São doidos! elles? ou eu?

Serei eu naturalmente.

Mas se eu era tão sciente,
como é que tal me esqueceu?

Tambem mysterio!

(alto)

Os senhores
têm certeza de que eu sou...

BRAZ

Toda.

SGANARELLO

Eu proprio? o que aqui estou?
doutor?

BRAZ

A flor dos doitores.

SGANARELLO

Seja assim; não me lembrava.
O que eu depois d'esta esfrega
precisava, era um collega,
a ver se elle me sangrava,

LUCAS

Isso passa.

SGANARELLO

Então agora
que mais querem?

BRAZ

Que nos siga.

SGANARELLO

Aonde?

*(Levantando do chão a borracha, que lhe tinha caído ao levar as
bordoadas, e sobraçando-a; á parte)*

Eu não deixo a amiga.
Em má hora...

BRAZ

Em boa hora
nos viu vossa senhoria.

SGANARELLO

Bem sei.

(á parte)

Rajo que te parta!

BRAZ

Bella gente!

LUCAS

Casa farta!

BRAZ

E dinheirama bravia.
Sempre ha-de apanhar loirinhas,
inté nã mais.

SGANARELLO

Que me diz?

BRAZ

Que é o medeco mais feliz...

SGANARELLO (*à parte*)

Que me importam cá Martinhas,
nem Martinhos, nem pinheiros!
Sou medico; sou doutor.

(*Alto*)

Bem me lembra, sim senhor;
e a caminho, companheiros!
onde é que vamos?

LUCAS

Verá.

SGANARELLO

Fazer o quê?

BRAZ

Essa é boa!

Medecar uma pessoa
que perdeu a falla.

SGANARELLO

Eu cá

não lh'a achei.

LUCAS (*baixo para Braz*)

É gracioso!

Gosto d'elle. Um doitor serio
lembra logo o cemiterio.

SGANARELLO

Mas assim, todo andrajoso...

BRAZ

Vestir-se-ha.

LUCAS

Que monta a casca?
o tudo está no miolinho.
Onde se encontra bom vinho,
não s'olha ó ramo da tasca.

SGANARELLO

Fallou bem. Faça favor,
prove esta pinga!

(Apresenta-lhe a borracha. Em quanto Lucas bebe)

Hein! é rica!

(Apresenta-a a Braç; e em quanto elle bebe)

Não tenho boa botica?
É que eu não sou só doutor.

LUCAS

Isto é qu'ê medeco!

SGANARELLO

E andar,
que se faz tarde.

NORBERTO *(chegando á janella, e vendo ir Sganarello entre os dois)*

Vão, vão!
Deus queira que o meu bordão
torne ainda a trabalhar!

MARTINHA (*saindo à parte, e seguindo-os com os olhos*)

Regalei-me de espreitar.
Bem feito! Dar na mulher!
Quem boa cama fizer,
já sabe onde ha-de ir parar.
(*Cai o pano*)

FIM DO ACTO I

ACTO II

ALTO II

Dois terços do theatro — os da direita — representam uma sala da casa de Januario. O terço restante — pateo com porta para a mesma sala, fronteira ao portão da entrada. Ao fundo — jardim separado do pateo por grade de ferro balaustrada, com seu portão ao meio. Aos dois lados da porta da sala para o pateo — janelas de peitos. Na parede do topo um relógio grande. Na parede fronteira á entrada, e em correspondencia ás duas janellas, duas portas para o interior da habitação. Por mobilia algumas cadeiras.

SCENA I

JANUARIO, LUCAS, BRAZ e JOAQUINA

(Januario está sentado, e de chapéu na cabeça. Todos os mais, que são domesticos seus, de pé.)

BRAZ *(para Januario)*

Verá vossa senhoria.

JANUARIO

É la possível!

BRAZ

É certo.

LUCAS

Não ha doitor mais esperto ;
só tem aquella mania.

JANUARIO

Tolos com grande jactancia
tenho eu visto, e é mui vulgar ;
mas affectar ignorancia
quem é sabio ! é singular !

BRAZ

Nã sê ; mais ê li na escola,
n'um livro que dava riso,
que até os de mais juizo
tinham pancada na mola.

LUCAS

Não é só curar enfermos,
que isso fagem oitros muntos ;
este passa inté dos termos :
chega a levantar defuntos !

BRAZ

Com um home falámos nós
que esteve mudo uma vez,
e elle curou-le a mudez,
e tem munto clara a voz.

LUCAS

E tem mais oitra comsigo,
que tambem me dá no goto
é patusco o tal amigo,
pachola como um garoto.

BRAZ

É lá p'ra onde le dá.
Oitras vezes intão diz
umas coisas tã subtis,
e uns taes latins, que eu sei lá!...

LUCAS

Isso arma cada descurso
tã sabio, que nem se entende!
Emfim, quem aprende aprende,
e quem não aprende é urso.

JANUARIO

Tomara-o já ver.

BRAZ

Nã tarda.
Foi vestir outra farpella.

LUCAS

Como quem diz : larga a albarda,
e aparelha-se de sella.

BRAZ

Pediu-me emprestado um fato...

LUCAS

Sim, e vai elle, emprestou-lh'o.
Verá como vem pimpolho !...
nã, que isto aqui não é matto.

BRAZ

Elle já deve estar prompto.
Vou-me busca-lo.

JANUARIO

Vai, Braz.

SCENA II

Os mesmos excepto BRAZ (*que sai pela segunda porta da direita*)

JANUARIO

Parece tudo isto um conto!
Pois elle será capaz! ..

LUCAS

Pouco ha-de verer já agora
quem o não vir! Tu, Jaquina,
tambem nã crês?

JOAQUINA

Vai-te embora,
tu mais toda a medecina.
Sempre eu me casei co' um tolo!...

LUCAS

Mulher, não me digas tal!
É um home de miolo,
como se nã viu equal.
Tu és uma cabeçuda.

JOAQUINA

Deixa-a ser. Vocês verão
se elle faz falar a muda.

LUCAS

Faz!

JOAQUINA

Não faz!

LUCAS

Faz!

JOAQUINA

Toleirão!

Tantos medicos de fama
que a tem visto! e inda nenhum...

JANUARIO

Lá isso não diga, ama;
ás vezes póde haver um...

JOAQUINA

Matem-se bem; se eu não creio!
Olhe, quer saber, senhor,
quem era o melhor doutor?

LUCAS

Achaste-o tu?... Sim?

JOAQUINA

E achei-o
sem correr montes e valles:
era um marido bem posto,
moço, bonito, a seu gosto...

LUCAS

Parvoa! é melhor que te cales!

JANUARIO

Dizes bem, Lucas: a ama
sai-se ás vezes co' umas taes...

LUCAS

E aonde ninguem a chama...

JOAQUINA

Pois sim, sim; os cabedaes
que o senhor tem consumido
com medicos, sem proveito,
poupava-lh'os um marido
que fosse bem do seu peito.

Eu cá me entendo ; vocês
não foram nunca mulheres.

LUCAS

Eu não ; nem tal coisa esperes !
'Stou bem como Deus me fez.
Se eu fosse mulher, podia
dezer d'esses disparates.

JOAQUINA

Se a quizerem ver sadia

(para Januario)

nã se mate...

(para Lucas)

não te mates ..

é dar-lhe um marido.

JANUARIO

E quem
acceitava uma mulher
com tal defeito ? E ella quer ?
Ella não quer a ninguem.

JOAQUINA

Já fez exp'rimentação ?

JANUARIO

Co'o Macedo.

JOAQUINA

Que degredo!
Troque em Valerio o Macedo,
verá se ella acceita ou não.
Para elle e para ella
Não havia outra alegria.
Exp'rimente.

JANUARIO

Sou pai d'ella,
e sou prudente: devia
dal-a agora a um pretendente
que não tem senão amor?
Ama, no tempo presente,
isso não basta: quem for
com ternuras ao padeiro,
e com suspiros á praça,
não traz nem um merendeiro,
nem o bago d'uma passa!
Diz que ha-de herdar lá d'um tio
dois ou tres morgados juntos!...
com sapatos de defuntos
não sei andar. Nem confio.
Mais val passaro na mão
que dois ou tres a avoar.
Prefiro a torres no ar
um quintalejo no chão.
Macedo não é Narciso,
nem muito moço; mas tem

muito amor, muito vintem,
bom genio, e muito juizo.
Levo em gosto o ser seu sogro.

JOAQUINA

Mas á menina é que sai
bem caro o gosto do pai,
se lhe pregarem tal logro !
Queira Deus que inda algum dia
o senhor não se arrependa
de tanto olhar á fazenda
e nada ao mais que devia.
É como o José dos Almós :
obriga a casar a filha
co' o Pilha, só porque o Pilha
tinha de seu mais uns palmos
de vinha que o namorado,
tão lindo e tão bom rapaz !
E agora, pobrinha, ahí estás
dizendo mal ao teu fado,
sempre ás upas co'o marido,
o carão como um marmello,
olheiras, o rir perdido ...
Não foi casamento bello ?

JANUARIO

Ama, sabe o que lhe eu digo ?
é que me deixe. Isto cá
é comigo, e só comigo ;
á ama que se lhe dá
para estar com essa teima !

LUCAS

Diz muito bem.

JOAQUINA (*baixo para Lucas*)

Queres dança?

JANUARIO

Não se inflame, que se queima
o leite, e foi-se a criança;
Não tenho filho varão
senão esse, bem n-o sabe;
por tanto, Joaquina, cabe
que tenha mais discrição.

LUCAS (*falando para a mulher, mas
batendo a cada frase com o accionado no hombro de Januario*)

Sempre és muito mal criada,
embirante, e intrometida!
Que te importa a ti co' a vida
de nosso amo? Nem nada.
Dá chucha ao menino; lava
as fraldinhas e os coeiros,
e deixa o mais. Conselheiros
de saias! Quem te chamava
a dar-nos aqui sentenças!
Se nos tornas a falar...
Pedaça d'asna... tu pensas

O MEDICO Á FORÇA

que nosso amo é algum alvar?
 Deixa-o lá! faze como eu.
 O contrario até é fêio.
 Mais sabe o tolo no seu
 que o avisado no alhêio.

JANUARIO

Devagar, homem, não batas
 com tanta força!

LUCAS (*continuando a bater no hombro de Januario*)

É que a mim,
 em vendo coisas assim,
 freve-me o sengue!

(*para Joaquina*)

‡ Não catas
 respeito aqui ao senhor,
 estando a comer-le o pão!
 Has de o catar.

JANUARIO

Prégador
 que mais accione o sermão
 inda o não vi!

SCENA III

Os mesmos e SGANARELLO, que entra de braço dado com BRAZ Sganarello vem ridiculamente pomposo de traje e com grande laçarrão na gravata

LUCAS

Bom, lá vem
o nosso doutor! Verás
se elle é ou não é capaz
de a curar.

JOAQUINA

Mata-te bem!

JANUARIO (*levantando-se, tirando o chapéu, e cortejando a Sganarello que também se descobre*)

Meu senhor!

JOAQUINA (*para Lucas*)

Oh! que figura!

JANUARIO

Tenho a honra...

LUCAS (*baixo para Joaquina*)

Home perfeito!

JANUARIO (*continuando a cortejar a Sganarello*)

Que alegria e que ventura
ver n'esta casa um sujeito
de tal saber, que julgamos
ter-nos baixado dos ceos!...

SGANARELLO

Manda Hypocrates ponhamos
primeiro os nossos chapeos.

JANUARIO

Hypocrates! Onde ou como
disse elle isso?!

SGANARELLO

No capitulo
que tem os *Chapeos* por titulo,
e que vem no oitavo tomo.

JANUARIO

Se elle o diz, manda quem pôde:
cubramo-nos.

(*cobrem-se*)

SGANARELLO

Sim senhor!
manda.

LUCAS (*baixo para Joaquina*)

Vê, vê que doutor!

JANUARIO (*á parte*)

É Deus enfim quem me acode.
(*alto*)
Respeitava-o já por fé.

SGANARELLO

Collega, esta nossa vida
de curar...

JANUARIO

Mas a quem é
essa fala dirigida?

SGANARELLO

Ao doutor!

JANUARIO

A qual doutor?
Eu não sou doutor.

SGANARELLO (*em tom de mofo*)

Bem sei!

JANUARIO

Nunca o fui, nunca o serei.
Sou morgado, e lavrador.

SGANARELLO

Não brinque.

JANUARIO

Eu medico?!

SGANARELLO

Medico.

JANUARIO

Eu!

SGANARELLO

Escusa aporfiar.
É medico e encyclopedico.

JANUARIO

Eu! nem sequer alveitar.

SGANARELLO

Não ?...

(levantando a bengala)

JANUARIO

Não !

SGANARELLO

Deveras ?

JANUARIO

Deveras !

SGANARELLO

Então, o alveitar sou eu.

Recipe!

(prega-lhe uma bengalada ainda assim não muito forte)

JANUARIO

Fóra, judeu !

SGANARELLO

Eu te curo das chimeras.

Não és medico ?

(dá-lhe segunda bengalada)

JANUARIO

Ai! ai!... basta!

SGANARELLO

Faz perder a paciencia!
Homem de tanta sciencia
co'uma birra d'esta casta!
Obrigar-me a ir-lhe ao pello
eu tão pacato!

LUCAS (*para Sganarello*)

Ahi verá.

SGANARELLO

Bem! Tambem lhe assentei já
as costuras do capello.

JANUARIO (*á parte*)

Irrorio! Eu ponho-o na rua
se me teima co'a tolice.

LUCAS

É brincalhão; não 'lo dice?

JANUARIO (*baixo para Lucas*)

Que má brincadeira a sua!
Repita-a, que eu juro-o pôr
em tão miserando estado,
que, nem por si medicado,
torne mais a ser doutor.

LUCAS (*baixo para Januario*)

Fez aquillo só p'ra rir;
deixe-o; nã faça cachaço.

JANUARIO (*baixo para Lucas*)

Vá lá; por esta inda passo;
livre-o Deus de repetir!
(á parte e só para si)
Se não fosse a dependencia
em que estou do dodivana!...

SGANARELLO (*para Januario*)

Perdão de eu lhe ir á pavana!
Passou; tenha paciencia.

JANUARIO

Bem; bem! Sou um seu creado.

SGANARELLO

Mal sabe a dôr com que estou
da sova....

JANUARIO

Passou; passou.

SGANARELLO

que eu tive a honra....

JANUARIO

Escusado!

SGANARELLO

de lhe arrumar.

JANUARIO

Muito bem!
Vamos agora ao que importa.
Tenho uma enferma....

SGANARELLO

Já morta?

Talvez lh'a cure tambem.
Já não seria a primeira;
qualquer d'estes que lh'o diga.
(*indicando Lucas e Braç*)

JANUARIO

Sabemos. A rapariga
é minha filha.

SGANARELLO

Solteira?

JANUARIO

Solteira.

SGANARELLO

E em que idade vai?

JANUARIO

Nos vinte.

SGANARELLO

Idade mui critica!
É forte? é gorda? é estytica?
é bonita? ou sai ao pai?

JANUARIO

Vel-a-ha.

SGANARELLO

É que o prognóstico
(e melhor do que eu o entende

O MEDICO A FORÇA

o meu collega), depende
do perfeito diagnostico.
Já lá o dizia Hypocrates,
o nosso famoso oraculo,
o que nos serve de báculo
co'as explanações de Socrates.
Como se chama a doente?

JANUARIO

Juliana.

SGANARELLO

A rapariga
de que é que se queixa? Diga.

JANUARIO

Se está muda inteiramente!
como ha-de queixar-se?

SGANARELLO

Então...
se se não queixa de nada,
deixem-n-a lá socegada,
e ponho-me á andar.

JANUARIO

Não, não;
ha-de-me ver a pequena.
adivinha-a, e cural-a.

SGANARELLO

Mas isso de estar sem fala
não é bom, diz Avicenna;
e digo eu tambem. Comtudo,
folgo de achal-a tão mal,
pois já curei outro mudo;

(para Lucas)

Não é verdade?

LUCAS

Tal qual.

SGANARELLO

Faça por tanto de conta
que o que ha-de ser ha-de ser.

JANUARIO

Bello! vou ver se está prompta
para já o receber.

SGANARELLO *(para Januario, apontando para Joaquina)*

Esta senhora é mãe d'ella;
não é assim? A sua graça?

JOAQUINA

Sou Joaquina.

SGANARELLO

Perfeitaça !
sim senhor ! robusta e bella !
é das taes, que a medicina
para os medicos receita.

JANUARIO

Ama de um filho....

SGANARELLO

Que mina !

JANUARIO

que Deus me deu.

SGANARELLO

Mui perfeita !
benza-a Deus !

(Sal Januario seguido de Braç pela primeira porta da direita.)

SCENA IV

SGANARELLO, JOAQUINA e LUCAS

JOAQUINA (*baixo para Lucas*)

Em realidade
o teu doutor tem seu geito.

LUCAS (*baixo para Joaquina*)

E inté é home perfeito!

JOAQUINA (*como acima*)

Isso é.

LUCAS (*como acima*)

Folgo que te agrade.

SGANARELLO (*dá parte*)

Pois não é nenhuma asneira.

(Alto)

Dava eu, ama Joaquina,
a minha sciencia inteira
por ser a sua menina.

JOAQUINA (*rindo*)

Tem graça!

LUCAS (*baixo para Joaquina*)

Tem graça ás pastas!
Não queres crer?

JOAQUINA

Creio, creio.

SGANARELLO

Lá graças de sete castas
tem-n-as a ama. Que seio!
O leite ha-de ser mui rico,
porque, segundo Averroes
escreveu n'um dos seus roes...
quando não eu verifico.

(*Vai para querer examinal-a*)

LUCAS (*tendo-lhe mão*)

Alto! dispenso inzemina;
sou seu home; nã se quer.

SGANARELLO

Pois a nossa ama Joaquina,
Lucas, é sua mulher!?

LUCAS

A' facia da igreja.

SGANARELLO

É boa !
Não cuidei. Folgo infinito
de ver um par tão bonito !
Deixem que a minha pessoa
em signal de regosijo
os abrace.

(Finge querer abraçar a Lucas, e vai para abraçar a Joaquina)

LUCAS

Devagar !

SGANARELLO

Ella bonita ; elle rijo ;
dá gosto ver um tal par !
E então cá aos da minha arte
causa tal satisfação,
que ficam sem saber parte
de si, nem aonde estão,
Um abraço aos meus dois pombos.

(Vai para abraçar a Lucas, o qual estende os braços para o receber, mas Sganarello passa por baixo d'elles, e dirige-se para Joaquina)

LUCAS

Dispensó; não se incommode.

*(á parte)*Eu torno a ralar-le os lombos
se atêma !

SGANARELLO

Um doutor não póde
conter a sua alegria
em vendo um par tão equal.
Um abraço medical
a ella, outro á companhia !

LUCAS

Home ! não me imbirre mais ;
forte mania de abraços !

JOAQUINA

Não tem duvida.

SGANARELLO

Oigo passos ;
será já a enferma ?

LUCAS

Quaes !

Por ora é só o patrão.

(á parte)

Antes fosse ella; a menina
sempre é muito mais paixão
do que não é a Joaquina.

SCENA V

Os mesmos e JANUARIO

JANUARIO

Não tarda a nossa doente.

SGANARELLO

Cá estamos á sua espera:
eu, e a cura.

JANUARIO

Sim?

SGANARELLO

Podéra!

A cura aqui está presente.

(apontando para a propria cabeça)

Verá. E, em quanto a esperamos,
deixe-me ver se examino
a ama do seu menino,

O MEDICO A FORÇA

e que tal de leite andamos.
 Se eu engracei co' o senhor,
 e quanto lhe diz respeito!
 Ama, faça-me favor,
 amostre cá esse peito.

LUCAS (*puxando por Sganarello, que se encaminhava para Joaquina, e fazendo-lhe dar uma piructa*)

Alto! o peito está famoso;
 nã tem lá nada que ver!

SGANARELLO

N'um bom medico é dever
 sondar tudo.

LUCAS

É bem curioso!
 Nã quero.

JANUARIO (*para Lucas*)

Que atrevimento!
 Pois tu oppões-te ao doutor?
 Sae-te d'ahi!

LUCAS

Nã senhor!
 nã senhor!

JOAQUINA

Ês rabujento!
O home que mal me faz?!
Olha lá que me nã quebre.

SGANARELLO (*para Lucas*)

Agora estava eu capaz
de te pregar uma febre,
meu palerma! então verias...

LUCAS

Frebe tenho eu já.

JOAQUINA (*puxando pelo braço a Lucas,
e fazendo-lhe dar tambem uma pirueta*)

Vai, tolo!
Não basto eu só para impol-o,
se intentar malfeitorias?
Sou alguma creancinha,
que me não possa livrar?

LUCAS

Mas não te ha-de inzeminar;
não ha-de, e atêmo na minha.

SGANARELLO

Olha aquillo! é ciumento!
desconfia da mulher!
Adeus! se não quer, não quer.
Se o leite for peçonhento,
morre a creança, acabou-se;
enterra-se.

JANUARIO

Eis a doente.

SCENA VI

Os mesmos, D. JULIANA e BRAZ (*saindo
da primeira porta da direita*)

SGANARELLO

É esta? A cara não mente:
só de me vêr assombrou-se.

JANUARIO

Só esta filha possui;
se a perco, morro.

SGANARELLO

Valor!

Sem licença do doutor
não se morre.

(á parte)

Eu é que suo.

JANUARIO

Sentemo-nos,

(Sentam-se Januario, D. Juliana e Sganarello, ficando este no meio; os mais conservam-se todos em pé; Joaquina ao lado de D. Juliana, Lucas ao pé de Joaquina, e Braz junto a Januario)

SGANARELLO

Pois, meu amigo,
esta enferma não faz tédio;
bem são estou eu, mas digo
que achava bem bom remedio.

(D. Juliana sorri-se)

JANUARIO

Lá a fez rir.

SGANARELLO

Bom signal!
Rir co'o medico a doente
é um symptoma evidente
de estar a expedir o mal.

(para D. Juliana)

Vá lá; com toda a franqueza;
que tem? que sente?

D. JULIANA (*responde por gestos, levando a mão á boca, á testa, e á barba*)

An, en, in.

SGANARELLO (*á parte*)

A modo que falou chim.

(*para Januario*)

Ella não é portugueza?

JANUARIO

Portuguezissima.

SGANARELLO

Então,

(*para D. Juliana*)

responda-me em portuguez.

Que tem? pergunto outra vez:

que é que sente?

D. JULIANA

In, an, on, ão.

SGANARELLO

In, on, ão! pelo gasnate
me pendurem n'um pinheiro

se eu a entendo ! Desempate !
Que é que tem ? Diga-o primeiro,
senão não posso cural-a.

JANUARIO

Pois todo o seu mal é isso :
perdeu de repente a fala
(pareceu coisa de enguiço)
mesmo quando ia casar-se ;
por isso inda está solteira.
O noivo não quer ligar-se
com mulher muda.

SGANARELLO

Que asneira !

Se elle quizesse trocar...
A muda é que me convinha !
elle levava a Martinha,
e eu punha esta em seu logar.

JANUARIO

Emfim, doutor, por quem é ;
empregue toda a metralha ;
que, se vence esta batalha,
prometto-lhe...

SGANARELLO

Tenha fé.

O MEDICO Á FORÇA

Mas vamos nós: a doença
fal-a soffrer?

JANUARIO

Infinito.

SGANARELLO

Bom! E tem dores?

JANUARIO

Repito :
isso é uma coisa immensa.

SGANARELLO

Optimamente! E dormir?
Dorme mal; não dorme?

JOAQUINA

Dorme...

SGANARELLO

Bello! Tudo está conforme.
Já principio a intrugir.
Não tem duvida.

(Para D. Juliana)

O seu pulso?

(Tomando-lhe o pulso, e falando para Januario)

Este pulso, senhor meu,
diz um medico judeu,
ser o que chamam convulso;

e segundo outros autores,
um inglez, e outro francez,
prova que ella sente dores,
e padece de mudez.

JANUARIO

E padece realmente;
esse é que é o seu achaque;
deu no vinte de repente!

SGANARELLO

Fodera! eu não sou basbaque.

JOAQUINA (*com seu arzinho ironico*)

vejam como elle atinou!

SGANARELLO

Quem é forte em medicina,
enfim, quem é como eu sou,
por força que logo atina.
Um matasanos qualquer,
se estivessem para ouvil-o,
punha-se: « tem isto e aquillo, »
e não salvava a mulher.
Eu, sem cara carrancuda,
chego, boto o olho, e venço;
não entro a palrar, nem penso;
declaro logo: está muda.

JANUARIO

É verdade; mas tomára
saber d'onde o mal lhe veio.

SGANARELLO

Nada mais facil: proveio
(até se lhe lê na cara)
proveio de ter perdido
o uso da fala.

JANUARIO

Bem;
porém de que é que provém
(n'isto é que eu estou confundido)
ter perdido o uso da fala?
percebe?

SGANARELLO

Percebo tudo;
a causa é facil achal-a;
a causa é o órgão estar mudo.
N'esse ponto os bons autores
concordam todos comigo.

JANUARIO

Sim senhor; mas o que eu digo,
se dão licença os doutores,

é que tomara saber
o seu pensar, sim, o seu,
sobre o que pode fazer
que o órgão lhe emmudeceu.

SGANARELLO

Aristoteles sobre isso
diz coisas, que é mesmo um pasmo.

JANUARIO

Creio.

SGANARELLO

Que homem de toitiço!
a mim produz-me entusiasmo!
Aristoteles!

JANUARIO

Pois sim...

SGANARELLO

Grande homem! tinha de altura
mais do que eu, tudo isto; assim!...

(indicando o seu proprio braço, desde a mão até ao cotovello)

JANUARIO

Alentada creatura!

SGANARELLO

Mas, tornando á vacca fria...
sim, ao que eu lhe vinha expondo ;
eis a sua theoria,
e com ella lhe respondo :
O impedimento que impede
que ella dê á taramella...
unicamente procede
de um certo estado... uma aquella...
no tempero dos humores
diverso do que era d'antes ;
humores, que nós, doutores,
denominamos peccantes.
Humores peccantes... veja
se não é frisante o nome!
Ora como isto assim seja...
tome bem sentido, tome ;
os vapores levantados
das exalações intensas,
dos influxos procreados
na região das doenças...
chegando... (não perca o fio)
chegando.. (explico-me assim)
chegando n'um corropio...
O senhor sabe latim ;
não sabe ?

JANUARIO

Não sei.

SGANARELLO (*levantando-se de subito*)

Não sabe
o latim?!

JANUARIO

Eu não senhor;
nunca intentei ser doutor.
Mas vamos á historia; acabe.

SGANARELLO (*com o maior enthusiasmo*)

Cabríciés, dóminé, orum;
domus tecum ablativó
sund rachânté pinheirórum
humóres infinitivó.

Hora, a hora; vis tu queres;
rançorum doençam gatis;
multeres as mulheres,
fervet olium carrapatis.
Laudo laudas introjones,
merídiés omnibus dabit;
curativo cum demónes
Aristótelés sarabit.

JANUARIO

Ai! não ter eu estudado!

JOAQUINA

Aquillo é que é ter mimoria!

LUCAS

Não entendi (mau peccado!)
nem nada d'aquella historia;
mas lá que é famosa, isso é.

SGANARELLO (*para Januario*)

Ora os vapores que eu digo,
recorda-se bem?

JANUARIO

Olé!

SGANARELLO

(Não é parvo o nosso amigo.)
Quando os taes vapores vão
aqui, do lado direito,
onde mora o coração,
para a esquerda aqui do peito,
onde nós temos o baço,
ao passarem pelo bofe,
que em latim chamamos *sasso*,
ou, segundo os gregos, *trofe*,
tendo comunicação
co' o cerebro, ou *roz* no hebreu,
pela veia cava, então
co' os vapores (percebeu?)
co' os vapores que o omoplata

nos ventrilocos encerra,
fazem uns aos outros guerra;
d'aquí é que a coisa data.
(Por quem é, não perca o fio)...

JANUARIO

Não perco.

SGANARELLO

Os ditos vapores,
que são de humor muito frio,
e bastante corruptores,
(aquí é que bate o ponto;
repare bem)...

JANUARIO

Muito bem!

(á parte)

Já tenho o miolo tonto.

SGANARELLO

Outros humores, que vêm
do diaphragma pela aorta,
como uns borbotões de peste,
como acham aberta a porta,
(toda a atenção que me preste
não é de mais).

JANUARIO

Adiante,
homem, já me falta o ar!

SGANARELLO

Pois sim. Attenção bastante,
e já vai tudo intrujar.
Os vapores *ossabandus*
nequis, nequer, potarinum,
quíper milus, flos cabrinum,
cavallones aldubrandus.
Ora aqui tem claramente
porque a menina está muda.

JOAQUINA

Sempre esta gente que estuda
sabe muito mais q' a gente.
Pois não, marido?

LUCAS

É verdade;
lingua assim...

JANUARIO

Faz admirar!
O que me fez novidade

foi trocar-nos o logar
do baço e do coração...
O coração sempre ouvi
que ficava á esquerda; aqui;
e á direita o baço; não?

SGANARELLO

Antigamente assim era;
mas a moderna sciencia
trocou tudo isso; podera!
hoje ha mais experiencia.

JANUARIO

Não sabia, meu doutor;
queira perdoar-me a ignorancia.

SGANARELLO

Essa é boa, meu senhor!
o senhor não tem jactancia
de entender de medicina,
nem era obrigado a tal.

JANUARIO

Certo; mas quanto á menina,
que é o ponto principal,
que acha o doutor que devemos
fazer afim de cural-a?

SGANARELLO

Pergunta-me o que faremos
afim de tornar-lhe a falla ?

JANUARIO

Justo.

SGANARELLO

A minha opinião
é que a mettam já na cama,
e lhe dêm (repare a ama)
muito, muitissimo pão
aboborado em bom vinho,
vinhinho velho e valente.

JANUARIO

Vinho e pão! não adivinho
como isso cure a doente!

SGANARELLO

O vinho e o pão misturados
contêm virtude sympathica
de dar palria aos mais calados,
segundo confirma a pratica.
Que se põe no comedeiro
de um papagaio? tem visto;
pão e vinho; só com isto
entra elle logo: « O pé, loiro! »

Isto é um remedio tal...
(e está a tempo de o ver)
que, se lhe não fizer mal,
bem não lhe póde fazer.

JANUARIO

E é verdade; oh! que homem grande!
ama, já com ella ao ninho;
e tu, Lucas: que se mande
buscar muito pão e vinho.

SGANARELLO

A' noitinha voltarei
a ver a enferma.

Sai Lucas pela segunda porta da direita)

SCENA VII

JANUARIO, SGANARELLO, JOAQUINA

Joaquina vai para sair pela primeira porta da direita)

SGANARELLO *(a Joaquina)*

Alto lá!

(Joaquina detem-se e pára. Sganarello para Januario)

O senhor permittirá...

JOAQUINA *(para Januario)*

O quê, meu senhor?

JANUARIO

Não sei;
mas sem duvida permitto
o que o meu doutor quizer.

SGANARELLO

Pois senhor, esta mulher,
ama do seu pequenito,
necessita medicada.

JANUARIO

Sim?

JOAQUINA

Quem? eu? essa é que é rica!
sã como um pero. Botica!
lá d'isso não tomo nada.
Não ha mulher mais sadia;
rija como não sei quẽ.

SGANARELLO

E cuida sua mercê
que é boa essa valentia?
cuida? pois vive enganada;
e vá-me co'o que lhe digo:
precisa já já sangrada;
e uma sangria de amigo;
e depois uma tisana,
que eu mesmo lhe hei-de arranjar.

JOAQUINA

Que medico tão parrana !
eu sã, e quer-me curar !

JANUARIO

Sangral-a ? porque doutor ?

SGANARELLO

Porque é moda, e muito boa !
Diga cá : uma pessoa,
quando faz muito calor,
se encontra um quartilho á mão
de boa pinga, e de graça,
não bebe de prevenção
contra a sede que a ameaça ?

JANUARIO

Talvez.

SGANARELLO

Pois então, ahi tem ;
o mesmo é na cirurgia :
como cautela tambem,
sangra-se a gente sadia.

JOAQUINA (*indo-se*)

Mata-te bem ; nanja eu
que dê o braço á lanceta.

SGANARELLO (*para Januario*)

Imbirra; não percebeu;
mas o senhor que a submetta.
(Sai Joaquina pela primeira porta da direita)

SCENA VIII

SGANARELLO e JANUARIO (*sós*)

SGANARELLO (*para se retirar pela porta da esquerda*)

Sem mais, senhor meu.

JANUARIO

Doutor:

um momento.

SGANARELLO

O que é?

JANUARIO

Primeiro

a esportula.

SGANARELLO (*já voltado para a porta, e com a mão estendida para traç das costas, em quanto Januario está abrindo a bolsa*)

O quê? dinheiro!
não aceito,

JANUARIO

Por favor!

SGANARELLO

Nada!

JANUARIO

Tenha paciência.

SGANARELLO

Deus me livre!

JANUARIO

Por mercê!

SGANARELLO

Por mercê digo eu.

JANUARIO

Bem vê!...

SGANARELLO

Bem vejo; mas a decência...

JANUARIO

Historia! aqui está; já agora...

SGANARELLO

Escusa steimar.

JANUARIO

Bem sei;
mas olhe cá.

SGANARELLO

Vou-me embora.

JANUARIO

Já vai.
(*Põe-lhe o dinheiro na mão*)

SGANARELLO

Nunca receitei
por int'resse
(*olhando para o dinheiro, e á parte*)

Olé! oirinho!

(alto)

Não é falso; não?

JANUARIO

Ora essa!

SGANARELLO (*á parte*)

Ja não torno a rachar pinho;

isto é pagar peça a peça.

(alto)

Medicos desfructadores...
feia coisa!

JANUARIO

Bem se sabe.

SGANARELLO

É labéo que me não cabe.

JANUARIO

Adeus, phenix dos doutores.

(Vai-se pela primeira porta do lado direito)

SGANARELLO *(já no pateo para se ir embora, e parando embellezado na contemplação do dinheiro que recebeu)*

Não vai mal; mas... até vêr!...

SCENA IX

SGANARELLO e VALERIO

*(que entra no pateo vindo da rua)*VALERIO *(comprimentando)*

Meu senhor!...

SGANARELLO

Viva.

VALERIO

Preciso
que me acuda, e de improviso.SGANARELLO *(tomando-lhe o pulso)*não lh'o devo escurecer:
o pulso está mau!

VALERIO

Não tenho
doença nenhuma.

SGANARELLO

Então...
que diabo quer? falle.

VALERIO

Venho
rogal-o n'uma aflicção.

SGANARELLO (*á parte, e mettendo muito depressa na algibeira a peça que ainda tinha na mão*)

Temos algum caloteiro;
dar-lhe-hia o faro da peça?
pois nem que peça e re peça,
d'aquí não pilha dinheiro

(*alto*)

Mas vamos, não me consuma,
que tenho mais que fazer;
se não tem doença alguma,
podia-o logo dizer;
que pretende?

VALERIO

Sou Valerio...

SGANARELLO (*á parte*)

Muito estimo.

VALERIO (*continuando*)

O namorado
de Juliana; e estou danado...

SGANARELLO

Danado! isso então é serio.

VALERIO (*continuando*)

porque o pae da minha bella
não deixa, por mais que eu queira,
que eu lhe falle...

SGANARELLO

A elle?

VALERIO

A ella.

SGANARELLO

Mas se ella não falla!?

VALERIO

Asneira;

o caso é outro; e o senhor,
que tem n'esta casa entrada,
póde, sem lhe custar nada,
ser o nosso salvador.
Idei um estratagema,
que, se o doutor nos ajuda,
fará com que a nossa muda
possa fallar-me. Não tema,
e creia no que lhe digo;

assim, cura-se a doente,
fico eu feliz e contente,
e o senhor não corre p'riço.

SGANARELLO

Essa é boneca! o senhor
sabe a quem falla? e o que diz?
eu alcofinha de amor!!
eu! um medico!

VALERIO

Mas...

SGANARELLO

Bis!
por obsequio! vá! repita!
dá-me um papel lisonjeiro!

VALERIO

Não se enfade.

SGANARELLO

Esta é bonita!
eu sou medico ou terceiro?

VALERIO

Não grite; não faça bulha,
doutor!

SGANARELLO (*crecendo para elle, e fazendo-o recuar*)

E eu quero gritar.
Atrevidão!

VALERIO

Devagar...
Se alguém ouve...

SGANARELLO

Ora este pulha!

VALERIO

Falle baixinho...

SGANARELLO

Vadio!

VALERIO

Não berre...

SGANARELLO

Mal ensinado!

VALERIO

Perdão...

SGANARELLO

Orate, e sem brio!

Petulante! descarado!
eu te ensinarei se sou
velhinha de leva e traz.

VALERIO (*puxando pela bolsa*)

Quem lh'o chama? eu, não; que estou
certo de que é mui capaz.

SGANARELLO (*tomando a bolsa*)

Sempre me dava um officio...
não me refiro ao senhor,
que tenho mui claro indício
de que tem siso e primor.
(Tomara-lhe eu ser prestavel!)
Fallo de uns taes que me cegam,
que pensam (é imperdoavel)
que todo o mato é ourégão.

VALERIO

Perdoar-me-ha a ousadia...

SGANARELLO

Está zombando; mas vá:
o que é que de mim queria?

VALERIO

Caro doutor, saberá

O MEDICO À FORÇA

que a tal doença é fingida.
Os doutores que a têm visto
têm feito muita ingrezia :
um é aquillo, outro é isto...
é do baço, é do pulmão,
do cerebro, da trachêa...

SGANARELLO

Que bem pregada tarefa!

VALERIO

O mal é do coração ;
o mal é o amor.

SGANARELLO

Podera!

Eu logo assim o pensei.
Hypocrates assevera
(e não se engana)...

VALERIO

Bem sei ;
mas oiça, o pae...

SGANARELLO

Januario?

VALERIO

Certamente; e pae, teimoso...

SGANARELLO

Muito teimoso! e até vario!

VALERIO

Teimava em dar-lhe outro esposo;
um tal Macedo...

SGANARELLO

Um jarreta,
com quem ella azôa!

VALERIO

Um nico,
cara chuchada, um forreta,
um demonio, porem rico.
Vai ella então...

SGANARELLO

Coitadinha!

VALERIO

Para escapar-lhe o que fez?
fingiu aquella mudez.

O MEDICO Á FORÇA

SGANARELLO

Era o remedio que tinha.

VALERIO

Ora ahi está.

SGANARELLO

Pois, meu senhor,
nem o senhor imagina
quanto me int'ressa este amor
do senhor e da menina.
Pelo meu grau (que mais quer!)
juro-lhe que a sua bella
ou ha-de estoirar donzella,
ou ser a sua mulher.

(Saem ambos do pateo para a rua)

FIM DO ACTO II

ACTO III

PHOTO

*O theatro representa um rocio aldeão, ao fundo
a frontaria da casa de Januario*

SCENA I

VALERIO e SGANARELLO

*(Valerio vem de casaca, cculos verdes, chapeo, um livro sobraçado, e
atraz da orelha uma penna de lapis)*

VALERIO

Approva o seu praticante ?

SGANARELLO

Optimo ! Queira virar-se.

(Examina-o por todos os lados)

Sim senhor.

VALERIO

N'este disfarce
nem o pai descobre o amante.
Com esta casaca abana,
e esta perruca, e um bom ar...

SGANARELLO

Até dona Juliana
se poderia enganar!

VALERIO

Veja agora se me ensina,
meu santo das afflicções,
dez ou doze palavrões
dos que usam na medicina.

SGANARELLO

Não é preciso. Isto basta.
Bom traje, ar serio, improencia,
que mais quer? Eu cá, sciencia,
nunca a tive de outra casta.

VALERIO

Como?...

SGANARELLO

É isto que lhe digo;
raio me parta...

VALERIO

Essa é fina!

SGANARELLO (*continuando*)

... se eu pesco de medicina
mais do que o meu nobre amigo!

VALERIO

Pois não é medico?

SGANARELLO

Nada!

Qual medico ou qual doutor!
Não passo d'um rachador!
Se eu matasse era á machada.
O senhor fiou de mim
o seu segredo, e fez bem;
pois lá vai o meu tambem,
(gente honrada é toda assim).

VALERIO

Pois sério, sério, não é...

SGANARELLO

Não senhor.

VALERIO

Não é doutor?
Nem cirurgião?

SGANARELLO

Não senhor;
e nem alveitar até!
Fizeram-me curandeiro,
sem eu saber nem querer.

VALERIO

Como?

SGANARELLO

Comendo! A poder
de razões de marmelleiro;
aprendi pelo espinhaço.
O porque tal coisa armaram,
inda o não soube, nem sei;
mas já que me doutoraram,
em doutor me ficarei.
A mim tanto se me dá!
Guarda debaixo os doentes!
O riso é ver n'estas gentes,
como a pêta corre já!
Buscam-me de toda a parte.
Que freguezia e que mina!
Já não torno á minha arte;
prefiro a da medicina!
Isto é que é vida! Dizermos,
que ou se atine ou se erre a cura,
isso é lá só co'os enfermos!
a paguinha está segura.
Se um remendão talha mal,

perde um coiro, e dois e tres;
e eu se estruo o cabedal
é por conta do freguez!
Se erramos e morre o enfermo,
a doença é que o matou.
Os mortos têm tanto termo,
que inda nenhum se queixou!
Calados, como os defuntos!
E depois, se um homem erra,
todos os seus erros juntos,
encobre-os mui bem a terra.

VALERIO

Isso é verdade.

SGANARELLO

Ali vem,
se o meu olho me não mente,
mais dois freguezes. Convém
deixar-nos sós...

VALERIO

Que me ausente,
não é isso?... E onde me apraza
logar em que a gente fale?...

SGANARELLO

Ali mesmo ao pé da casa
da noivinha.

VALERIO

Adeus!

SGANARELLO

Abale!

(Retira-se Valerio para o fundo onde fica passeando a olhar frequentemente para as janellas da casa)

SCENA II

SGANARELLO, VALERIO *(que não falla)*,
SIMÃO e THEOTONIO

SIMÃO *(para Theotonio em vos baixa)*

Ó Theotoino, esta fugura
dou qué o leicenceado!

THEOTONIO

É, nhor pae.

SGANARELLO *(que estava á escuta e os ouviu)*

Um seu creado.

SIMÃO

Vimos á sua précura,

por via da minha Ufêmea
mãe aqui do mê Theatoino,
creada sua.

SGANARELLO

Hein?...

SIMÃO

a fêmea
dou que le entrou o demoino;
faz lástema ver a próve!
está ha seis mezes de incherga;
cagi que nem já se móve;
se o seu doitor faz que s' erga,
é um santo; a casa assim,
vae-se-nos pela auga abácho;
faz uma falta o diácho,
ó filho, ós porcos e a mim!

SGANARELLO (*estendendo a mão como para receber dinheiro*)

Bom; mas que quer que lhe eu faça?

SIMÃO

Que le arrume co'a metralha,
a ver se a cura; se calha,
calha; quando não, foi graça!

SGANARELLO

Mas que tem ella?

SIMÃO

Sê cá!
Diz que é mal d'apocresia,

SGANARELLO

D'hypocrisia ?

SIMÃO

Isso. Está
(parece uma balancia)
toda opilada ! É a pellingha
ás malhas, como ó sardão...
antão digo ê cá na minha
que aquillo é ópilação.
Digem por lá que ha-de ser
quêmação do sengue, e tal...
e que a dête ê no quintal,
ver se a faço árrefêcer ;
histoira ! a idéia qu' ê faço
é que o bofe da mulher,
figado, ou bandulho, ou baço,
ou como o senhor queger...
deu-le coisa assim malina,
ou quer que fosse. Ella antão,
está com frebe contina,
um dia sim oitro não,
com queimbras, como quem diz,
aqui, salva tal lugar ;

e as guéla a chiar
como ó ninho da pedriz;
e ás vezes dan-le uns taes frautos,
que ê digo; foste-te embora!
Visto isto e o mais dos autos,
sim, porque a gente cá fóra
nã entende d'estas coizas.
E ahi está o boticaíro...
conhece?... o Francisco Soizas,
o primo do Zé Macaíro?

SGANARELLO

Conheço; adeante!

SIMÃO

Anda farto
de le arrimar trapalhadas:
e caustegos que te parto!
E quem diz lá que aprovêta?!
Quê se cura é elle; sim,
venho eu a deger assim,
qué p'ra si qu' elle recêta,
entendeu? Tem-me comido
arriba de moeda e mêa,
que ê tinha n'um pé de mêa,
dentro na enxerga escondido.
Agora andava degendo
que é mister vinho esquinado;
mas lá isso vai barrado.
Queria mais, bem no entendo,

O MEDICO Á FORÇA

que ê nã sou nenhuma lesma :
 se ella tomasse o tal vinho,
 avêra ficar na mesma ;
 ê sê? ou pôr-se a caminho,
 deixando-me cá de rastos,
 vê vomcê? sim, ê ós puois,
 inda que vendesse os buois,
 nã me dava para os gastos.

SGANARELLO (*continuando a estender a mão aberta*)

Mas vamos nós ao que presta ;
 vocês que querem ?

SIMÃO

Queria,
 sim, que vuossa senhoria,
 visse se a curava d'esta.
 Sim, se nos póde alembrar
 algum' erva de vertude...
 ê sê cá!... que dê saude
 á mulher, s'ella a tomar!

SGANARELLO

Não pesquei!

THEOTONIO

A coisa é isto,
 se dá lecença : a nha mãe,

se não se l' acode in bem,
está ali, está com Christo !
Uora a gente é próvesinha ;
mais porém, mais trez testães,
que os leve o demo ; a continha
(põe-lhe o dinheiro na mão)
aqui está, para uns feijães...
e perdoe a confiança.

SGANARELLO

Está perdoada ! Dae dae ;
já entendo !

(á parte)

Esta creença
falla mais claro que o pae !

(alto)

Muito bem ; a sua mãe,
diz que tem hydropezia,
que tem inchação, que tem
caimbras, muita febre e azia,
fanicos, et cetera e tál...

THEOTONIO

Tal qual ; sem terar nem puor !

SGANARELLO

Você é que explica o mal,
que nem o melhor doutor !

O MEDICO A FORÇA

O seu paesinho, esse é tonto !
 Não se lhe entende nem pada !

SIMÃO (*á parte*)

Mercêias !

SGANARELLO

Vamos ao ponto :
 porque é que está opilada,
 é isso que quer saber ?

THEOTONIO

Nã senhor, ê só desejo
 que a cure, se poder ser.

SGANARELLO

Pois bem, leva-lhe este quêjo ;
 ella que o tome, aqui tens.

(*Entrega-lhe um pedaço de queijo*)

THEOTONIO (*examinando e cheirando o queijo*)

Isto é remedio ?

SGANARELLO

Approvedo !
 E melhor, sendo tomado
 com vinho d'oito vintens !

THEOTONIO

Remedio de dar saude?

SGANARELLO

Pois quê? de matar?

THEOTONIO

O quêjo?

Pois elle terá vertude...

Ê é que nã percevêjo!...

SGANARELLO

Isto é um queijo amassado
com perolas e coraes,
pó d'oiro, e outras coisas mais...
que foi ha pouco inventado.
Chamam-lhe queijo de rei!
O preço é salgado... embora!
nã fallemos d'isso agora!
Vão, que eu depois lh'o direi.

SIMÃO

D'esta fêta é que ê escarro
canto ha em casa; depuois
dizia ê vender os buois...
d'esta maré, vendo o carro!

O MEDICO Á FORÇA

A Ufemea sae-me carêta!

(Despedindo-se de Sganarello)

Sem mais aquella!

SGANARELLO

É marchar!

THEOTONIO *(despedindo-se)*

Viva!

(Parte, e torna a voltar-se para trás)

E se falha a recêta?

SGANARELLO *(depois de pensar um pouco)*

Não se esqueçam de a enterrar!

(Saem. Neste momento apparece a furto na janella D. Juliana, lança por um coração um cestinho, Valerio tira de dentro uma carta e põe outra em seu lugar. D. Juliana recolhe o cestinho, despede-se com gestos affectivos do seu amante, e torna para dentro deixando-o contentissimo a ler a carta)

SGANARELLO *(dirigindo-se para onde está Valerio, mas fallando só para si)*

Agora ao meu praticante.

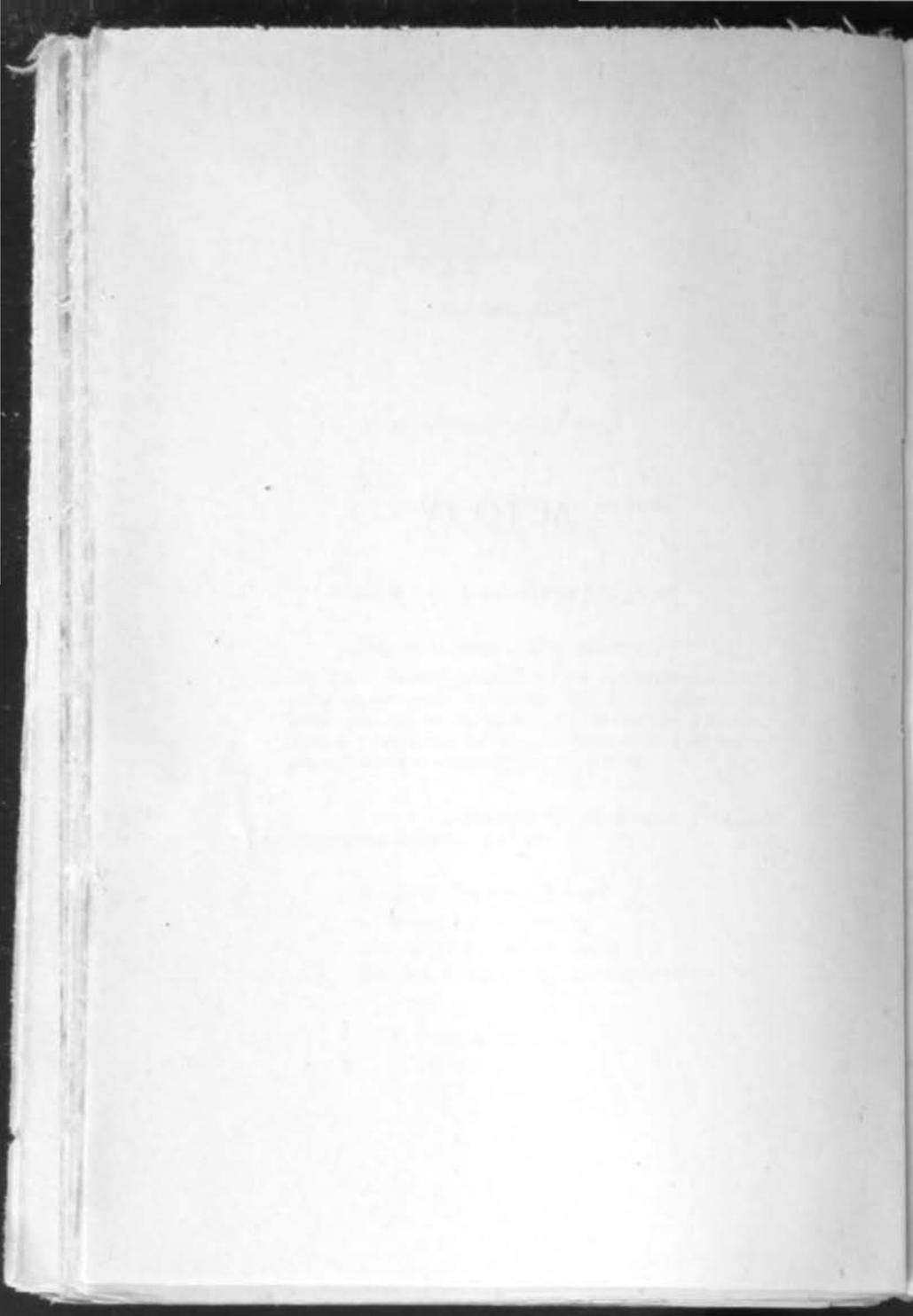
Se tiramos esta a limpo,

sem carga de pau bastante,

que peça ao démo que eu chimpô!

FIM DO ACTO III

ACTO IV



*Em casa de Januario. A mesma sala e pateo do acto II;
a um canto da sala uma espingarda*

SCENA I

JOAQUINA, SGANARELLO e LUCAS

(Joaquina vem da direita e Sganarello da esquerda; Lucas está em cima de um tamborete, ao fundo da scena, a arranjar um relógio de parede, e sem dar pelo que vai por estar de costas, e todo absorvido no seu trabalho).

SGANARELLO

Deus louvado que ali vem
a nossa ama Joaquina!
Guapa mulher! Inda bem
que estamos sós. Pst, menina!
faz favor? Em cortezia,
duas palavras!

JOAQUINA

Pois não,
quantas queira.

SGANARELLO

O que eu queria,
ama do meu coração...

JOAQUINA (*vendo que elle não continua*)

O que era ?

SGANARELLO

O que era ? se quer
eu sempre lh'o digo...

JOAQUINA

Diga.

SGANARELLO

É que nunca vi mulher
como esta ama d'uma figa !
De doutor fez-me pateta !
de um homem grave um babão !
metteu-me tão fundo a seta
dentro n'este coração,
que só por ver n'esse rosto,
e merecer-lhe, um sorriso,
sujeitava-me por gosto
a quanto fosse preciso :
lavar as fraldinhas sujas,
fazer tem-tem ao criação,

e pintar-lhe garatujas
para entretel-o...

JOAQUINA

Ai, é manso;
não necessita entretido!
Tem graça o senhor doutor!

SGANARELLO

Acha?

JOAQUINA

Ora s'acho!

SGANARELLO

Eu duvido;
dê-me uma prova d'amor

JOAQUINA

Como?

SGANARELLO

Adoeça!

JOAQUINA

Credo bento!

SGANARELLO

Adoeça, amasinha, adoeça;

O MEDICO Á FORÇA

coisa que eu mais appetença
 não póde havel-a. Arrebento
 pelo gosto de a curar!

JOAQUINA

Sou uma sua criada!
 não gosto de ser curada.
 Sã é que eu gosto de estar!

SGANARELLO

Mal sabe esta ama, que pena
 me faz cá por dentro o ver
 ter um lorpa em seu poder
 uma tão linda pequena.
 Elle bruto, elle zeloso,
 elle feio, elle sem graça...

LUCAS (*occupadissimo com o relógio*)

Adienta-se; isto passa...
 das tres e meia!

SGANARELLO

Que esposo!
 É de appetite. Eu tomára
 fazer o seu necrologio.

(*Repara de repente em Lucas; fica assustado, e indica por gestos a Joaquina que se devem calar*)

(JOAQUINA *(baixando mais a voz)*)

Quando está lá co' o relógio
aquillo em nada repara;
mesmo assim, fallemos baxo;
indas que elle outra que tem
é não ouvir muito bem.

LUCAS *(sempre absorvido no seu trabalho)*

Adianta-se o diacho!

SGANARELLO

Eu digo que é o rei dos brutos.

(Apalpando as costas, como que ainda dorido das bordoadas que apanhou á beira do pinhal)

JOAQUINA

Ciumento! Jesus Maria!

LUCAS

Com mais dois ou tres minutos
arranja-se.

JOAQUINA

Não queria
se não que visse o que ás vezes

eu soffro áquelle camello!
 Um é dizel-o, outro vel-o!
 Elle ha no mundo más rezes,
 mas como este não vi outro!
 principalmente por luas!
 Até uma vez ou duas
 já me cascou.

LUCAS (*como acima*)

Tres!

SGANARELLO

Que potro!
 E a amasinha atura-lhe isso?

JOAQUINA (*encolhendo os hombros*)

Antão!

SGANARELLO

Se eu fosse á sua pessoa,
 tinha logo logo á mão
 uma vingança bem boa ;
 oh! se tinha! e se a ama quer,
 aqui estou para ajudal-a.
 Uma vingança regala.

JOAQUINA

Triste coisa é ser mulher!

SGANARELLO

Sim; mulher d'um mariola!
Se fosse minha, amasinha,
veria! Se fosse minha...

LUCAS *(sempre entretido)*

Forte pancada na mola!

SGANARELLO

Perdoe-me se assim lhe fallo
do seu homem; mas concorda...

JOAQUINA

Concordo.

LUCAS *(como acima)*

Falta-lhe corda.

SGANARELLO

Vamos nós a castigal-o!
Um abraço, ama Joaquina!

(No momento em que vai para a abraçar, Lucas olha para traz, vê-os, salta do banco abaixo, e corre a metter-se-lhes per meio)

LUCAS

Que vejo! que é isto!

JOAQUINA

Nada!

SGANARELLO

Isto é cá da medicina!

JOAQUINA

Diz que preciso escultada!

(Sganarello e Joaquina fogem, elle yeta esjuerda para o pateo, ella pela direita para o interior das casas)

SCENA II

LUCAS e JANUARIO *(entrando da direita)*LUCAS *(que ficou pasmado, á parte)*

Não sei, mas cuido que vi
um abraço engatilhado!

JANUARIO *(para Lucas)*

Viste o doutor por aqui?
Lucas, responde, pasmado!

LUCAS

Vi, vi, com trinta milheiros!
e a Jaquina viu tambem!

(*á parte*)

Forte par de malhadeiros!
pouca vergonha! Inda bem
que me eu virei para traz!

JANUARIO

Mas em que estás tu scismando?

LUCAS

Sei cá!

JANUARIO

Não responderás!

LUCAS

Se eu não sei ás quantas ando!
maldito relógio!

JANUARIO

Então!

Onde é que está o doutor?
Tu respondes? Sim ou não?
respondes?

LUCAS

Eu não senhor!

Sei cá d'elle.

(*á parte*) Que tratante!

O descarro é que lhe eu gabo!

JANUARIO

Está em casa ?

LUCAS

Do diabo
se já morreu !
(*á parte*) meliante !...
e a minha sansadorninha,
que se deixava abraçar !
nem que ella á facia do altar
não fôra minha e reminha.
Queres medeco ? pois dêxa,
dêxa que eu te curarei !
Para curar essa quêxa
sei um remedio... oh ! se sei !
É o do doutor cravalho...
Verás que fomentação !

JANUARIO

Então mexes-te, espantalho ?

LUCAS

Que é lá ? que manda o patrão ?

JANUARIO

Vai ver o que está fazendo
a minha filha.

(*Sai Lucas pela primeira porta da direita*)

SCENA III

JANUARIO; SGANARELLO e VALERIO

*(Estes entram pela porta da esquerda tendo vindo da rua.
Valerio conserva o traço precedente, e traç um livro debaixo do braço,
e uma penna de lapis detraz da orelha)*

JANUARIO *(comprimentando)*

O doutor!

viva!

SGANARELLO

Viva, meu senhor!
como vai isso?

JANUARIO

Vivendo;
co' as minhas freimas.

SGANARELLO

Tardei?

JANUARIO

Cá para a minha impaciencia
tardou de certo.

SGANARELLO

A sciencia

para nós bem vê que é lei.
Foi ella quem me prendeu,
e me fez tardar.

JANUARIO

Sim?

SGANARELLO

Sim.

Descobri um collipeu
nas hervas do seu jardim.

JANUARIO

Um collipeu! e isso que é?
nunca em tal ouvi fallar.

SGANARELLO

Um bichinho singular,
oriundo de Guiné,
que tem virtudes internas
para curar de pleurizes,
de escrofulas, de hemoptizes,
e de omoplatas nas pernas.

JANUARIO

Tudo isso!

SGANARELLO

Tudo isto.

JANUARIO

E deu
com elle no meu quintal?
um collipeu!

SGANARELLO

Tal e qual!
Bichus bichi de Linneu.

JANUARIO

Quem me dera vel-o! e é raro?

SGANARELLO

Rarissimo! os collipeus!!
um vendi eu (não foi caro)
por cem mil reis a um judeu

JANUARIO

Vou-me apanhal-o.

SGANARELLO

Pois não!
deixe-o primeiro pôr ovos;
em tendo collipeus novos,
verá que negociarrão!
(pausa)
Como se acha a doentinha?

JANUARIO

Depois do remedio, mal.

SGANARELLO

Optimo! optimo signal!
com essa fé já eu vinha;
prova que o remedio opéra.

JANUARIO

O que estou a recear
é que indo n'este operar,
me arraze a enferma.

SGANARELLO

Oh! quem dera!

JANUARIO (*espantado*)

Quem dera o que?

SGANARELLO

Que a arrazasse.

JANUARIO

Que a arrazasse! endoideceu,
doutor! isso diz-se? vá-se

brincar lá co' o collipeu!
faltava-me ouvir mais esta.
Queria vel-a arrazada!

SGANARELLO

De certo; e no fim da festa
mostrar-lh'a resuscitada!
O senhor não imagina
quanto póde o meu saber!
co' os doentes a morrer
é que brilha a medicina.

JANUARIO (*apontando para Valerio*)

Quem é aquelle sujeito?
elle veiu co' o doutor;
não veiu?

VALERIO (*que, desde que entrou, tem estado sempre absorvido na leitura do livro que traçia debaixo do braço, e tomando apontamentos a lapis, fallando só comsigo*)

Alga em flor,
pó d'arroz, e sal desfeito.

SGANARELLO (*continuando a fallar a Januario em quanto Valerio continúa a fallar entre si, sem se perceber o que diz*)

Aquelle é o meu praticante.
Que rapaz! não faz idêa!

segredo que a elle o espante
não n-o ha na pharmacopêa.
Em breve, a poder de estudo,
talvez que hombreie comigo!

JANUARIO

Não tem má cara o amigo;
promette muito!

SGANARELLO

Ora! tudo!
para curar hemoptizes,
callos, bolhas, que sei eu!
tem um dedo! E cicatrizes!?....

JANUARIO

Um segundo collipeu.

SGANARELLO

Bem pôde dizêl-o; e quer
que lhe diga? eu, se algum dia
tivesse filhas, havia
dizer-lhe: escolha mulher.

JANUARIO

Sim senhor; e é bizarraço!
mas já d'oculos!!

SGANARELLO

Bem vê,
quem leu tanto calhamaço,
sem oculos já não lê.

SCENA IV

Os mesmos, D. JULIANA e JOAQUINA

*(que saem da primeira porta da direita. D. Juliana vem encostada
como doente ao braço de Joaquina)*

JOAQUINA

Senhor, cá vem a menina,
que appetiteceu passear

JANUARIO *(em voz baixa para Sganarello e apontando para Valerio)*

O nome d'elle?

SGANARELLO *(para Januario tambem em voz baixa)*

Gaspar
Silvestre Leão Chacina,
um seu creado.

(alto para Valerio)

Ajudante,

ha-de fazer-nos favor :
em quanto eu fallo ao senhor...

(indicando Januario)

vá-me ver a supplicante;

(indicando D. Juliana)

o pulso, bem tomadinho;
bem sabe *et cét'ra*; depois
conferiremos os dois,
buscando o melhor caminho.

(Sganarello puxa a Januario para um canto do theatro, e lança-lhe um braço á roda do peçoço como por amizade, mas com o intuito visivel de lhe não deixar voltar a cabeça e ver o que se passa entre Valerio e D. Juliana, que estão conversando entre si para outro lado da sala em voz que se não ouve)

SGANARELLO

Decidir qual dos dois sexos
seja melhor de curar
é dos pontos mais perplexos
na arte de medicar.
Serão ellas? (atencção;
olhe-me bem para mim;)
uns dizem *sim*, outros *não*;
e eu cá digo: *não e sim*;
entende? e a razão é clara:
porque o systema nervoso,
onde o sangue se prepara
para o systema venoso,
tem syncopes apireticas,
que nos individuos fracos,
e nas compleições freneticas,
geram ergasmos opacos.

JANUARIO

Concebo.

SGANARELLO

Qual cebo?

JANUARIO

Digo

que concebi.

SGANARELLO

Concebeu?
concebeu o meu amigo?
parabens! Dizia-lhe eu
que em razão d'esse organismo
nas femeas predominar,
que é o que as torna um abismo
tão difficil de explicar...
dando-lhe a electricidade,
que é como um raio...

JANUARIO

Bem sei.

D. JULIANA (*que se tinha ido enthusias-
mando até ao ponto de ja não reparar em que deve falar baixo com
Valerio*)

Em mim só ha lealdade;
nunca, nunca, mudarei.

JANUARIO (*soltando-se do braço de Sganarello, e todo entusiasmado*)

Viva! falou! coitadinha!
que remedio abençoado!
que medico!

SGANARELLO

Eu não lhe tinha
dado certeza?

JANUARIO

Obrigado!
Um abraço! outro! aqui tem
esta bolsa!...

SGANARELLO (*pegando soffrego na bolsa*)

Ora! que pressas!
(*abrindo-a*)
traz dentro...

JANUARIO

Só vinte peças.
não tenho aqui mais.

SGANARELLO

Bem; bem;

o mais, depois.
(*passando todo ufano, e abanando-se com o chapeo*)

Foi doencinha
que me fez suar deveras!
muito trabalhei!

JANUARIO (*para D. Juliana*)

Que esperas?
abraça-me, filha minha!
parabens!
(*abraçando-a*)

JOAQUINA (*abraçando-a também*)

E também meus,
Já que recobrou a fala,
veja agora se se cala,
que a torne a perder.

JANUARIO

Adeus!
não m'a agoire, ama Joaquina.

SGANARELLO

Se a perdesse, inda eu cá estava,
e mais o senhor Chacina.

D. JULIANA

Não n'a perco.

JANUARIO

Brava! brava!

(para Sganarello)

E tão clarinha, doutor!

SGANARELLO

Muito; veja o pão com vinho
o que lhe fez.

JANUARIO

Sim senhor.

*(á parte)*O Macedo, coitadinho!
é que pula de contente,
quando tal coisa souber.*(para D. Juliana)*

Fala mais.

SGANARELLO

Dor, já não sente?

VALERIO

Nenhuma.

JOAQUINA

Temos mulher.

JANUARIO

Fala!

D. JULIANA

*(Todas as seguintes falas de D. Juliana são cada vez mais espreitas
das e rápidas)*

Diante de todos vós
Aqui a meu pai declaro,
que já tenho esposo eleito;
e este é Valerio; e rejeito
Macedo, o insípido, o avaro.

JANUARIO

Mas...

D. JULIANA

Decidi; não desisto.

JANUARIO

Porém...

D. JULIANA

Ninguem me convence.

JANUARIO

Se... se...

D. JULIANA

Nada; em tal não pense.

JANUARIO

Mas eu...

D. JULIANA

Não lhe saio d'isto.

JANUARIO

Mas...

D. JULIANA

Não ha poder paterno
que me possa resolver
a lançar-me eu, por querer,
n'um carcere horrendo e eterno.

JANUARIO

Mas se eu já tinha...

D. JULIANA

Que importa !
eu é que ainda não tinha !

JANUARIO

Torna a pensar...

D. JULIANA

Antes morta !

JANUARIO

Macedo...

D. JULIANA

É seu, e eu sou minha.

JANUARIO

Deus...

D. JULIANA

Deus não quer tyrannias,
e fez livre o coração.
Antes ir findar meus dias
n'um convento.

JANUARIO

Tu...

D. JULIANA

Não! não!

Acabou-se. Decidi-me.
Dei palavra, e não perjuro;
é Valerio o meu futuro;
dar-me eu a outro era um crime.

JANUARIO

Que chorrilho! que torrente!
não ha modo de a suster!

Meu doutor, por dô da gente,
torne-a, torne a a emmudecer.

SGANARELLO

Impossivel! escuzado!

JANUARIO

Mas...

SGANARELLO

Desisto d'esse absurdo.
Lá se quer que o torne surdo,
prompto, e é facil.

JANUARIO

Obrigado.
Mas tu cuidas, Juliana...

D. JULIANA

Por mais e mais que me diga
não me abala, não me obriga,
não me seduz, não me engana.
Quero Valerio; acabou-se;
quero Valerio; não cedo.

JANUARIO

Sim? pois prometto-te um doce
se escapares do Macedo!

e hoje mesmo, as escrituras.
Digo, redigo, e está dito.

D. JULIANA

Antes a morte, repito.

JANUARIO

Faço jura...

D. JULIANA

E eu dez mil juras!

SGANARELLO (*em voz baixa para Januario*)

Basta, senhor Januario;
deixe-a; se em mim se confia,
para curar tal mania
temos bom receituário.

JANUARIO

Sim?!

SGANARELLO

Que duvida! verá;
curamos tudo; então n'isto
não ha medico mais visto
que o meu praticante. E já:
mãos á obra.

(*para Valerio*)

Sôr Chacina,

uma palavra. Bem vê

(em voz baixa para que D. Juliana não oiça, mas querendo que oiça o pai, que está ao pé d'elles)

que ali aquella menina
ateima, e não sei porquê,
em não querer o consorte
que o pai lhe tem destinado;
tem lá outro namorado,
com quem se faz toda forte:
um tal Valerio...

JANUARIO

É verdade.

SGANARELLO

Ora aquelle estado é mau,
bem sabe; e se a enfermidade
passar adiante um grau,
não tem cura; é morte certa.
Não ha tempo que perder;
por tanto, como isto aperta,
e eu tenho mais que fazer,
tome a si o sôr Chacina
esta cura delicada;
lembro-lhe uma charopada:
chá de flor de *fugafina*,
sustancia de *corritana*,
canella activa, e depois
adhesivo para dois,
tres banhos, e *andad hermana*.

Corra; avie-se; que tarda?
leve-a a espairecer na quinta,
e faça que ella consista.

JANUARIO

Vão, vão com o anjo da Guarda.

SGANARELLO (*para Januario*)

Assim é melhor; deixal-a
de todo á sua vontade;
cá para os velhos a sala,
e o ar para a mocidade.

(*Baixo para Valerio*)

Sumam-se já.

(*Saem D. Juliana e Valerio para a quinta pelo pateo.*)

SCENA V

SGANARELLO e JANUARIO

SGANARELLO (*para Januario, fazendo ludo pelo entreter*)

Tem gamão?

JANUARIO

Nunca tive.

SGANARELLO

E cartas?

JANUARIO

Menos.

SGANARELLO

Como estão os seus pequenos?

JANUARIO

Tenho um só.

SGANARELLO

Que habitação
tão linda que é esta sua!
eu se fosse o dono d'ella,
abria-lhe outra janella
aqui da banda da rua.
Não acha que era bonito?

JANUARIO

Talvez; mas diga-me cá:
que receituário exquizado
é aquelle?

SGANARELLO (*cantando como distraído*)

Tra la ra l...

JANUARIO

Nunca taes drogas ouvi!

SGANARELLO

É que o sr. Januario
é da antiga; eu logo vi!
Então no receituário
que é que lhe fez estranheza?

JANUARIO

Fugafina...

SGANARELLO

Fugafina
é uma herva da China,

JANUARIO

Corritana...

SGANARELLO

Essa é chinesa.

JANUARIO

Adhesivo... banhos...

SGANARELLO

Homem,
pois quer, assim de repente,

saber mysterios, que á gente
a vida toda consomem?
Adeus, deixemo-nos d'isso.

JANUARIO

Mas diga-me cá, doutor,
viu nunca maior enguiço
do que é o d'aquelle amor?
parece doida! eu por mim,
nunca esperei que a Juliana
falasse tão soberana
a seu pai; teimosa assim!!...

SGANARELLO

Ai! não se admire; ha donzellas,
que são muito cabeçudas;
quer lhes dê para ser mudas,
quer para ser tagarellas.

JANUARIO

Não imagina a loucura
em que anda co' o tal Valerio!

SGANARELLO

Effeito do sangue arterio,
da espinha, e mais da gordura.
Raparigas!...

JANUARIO

Mal que eu dei
com tal desatinação,
fiz-me o meu guarda-portão;
quanto entra e sai, tudo sei.
Trago sempre a minha louca
fechadinha a sete chaves.

SGANARELLO

Approvo; em coisas tão graves
toda a cautelinha é pouca.

JANUARIO

Falarem ambos! pois nana!
a mim já ninguém me embaça.

SGANARELLO

E ella a cuidar...

JANUARIO

Se a Juliana
é fina eu tambem.

SGANARELLO

Tem graça!

Persuadir-se que lograva
ao meu amigo Januario!

JANUARIO

Usei bom receituário;
não?

SGANARELLO

De certo.

JANUARIO

É raça brava
isto de amantes. Havia,
se eu não fosse tão esperto,
ter já succedido...

SGANARELLO

Certo.

JANUARIO

qualquer diabrura.

SGANARELLO

E podia.

JANUARIO

Podia pôr-se-me ao fresco,

e dizer: isto de pais
é muito bom parentesco,
porém os maridos, mais.

SGANARELLO

'Stou por isso.

JANUARIO

O namorado,
sei eu por certos zumizums,
não poupa meios alguns
para falar lhe.

SGANARELLO

É danado!

JANUARIO

Perde o tempo.

SGANARELLO (*rindo*)

Ah! ah! tem pilhas!
com quem elle se metteu!

JANUARIO

Os paes são donos das filhas.

SGANARELLO

E são.

JANUARIO

Quer ? não quero eu.

SGANARELLO

Isso ; é dar-lhe por ahí,
e deixe-o lá trabucar ;
mais finório, inda o não vi.

JANUARIO

Suppunham-me um pobre alvar !

SCENA VI

Os precedentes e LUCAS (*que entra da segunda porta da direita, correndo muito espavorido*)

LUCAS (*para Januario*)

Patrão patrão, patrãosinho !
a menina mais o tal,
pozeram pés a caminho
pela porta do quintal!...

JANUARIO

O tal quê?

LUCAS

O tal amante,
que o bisborrias do doutor
chamava o seu ajudante,
para enganar-o ao senhor.

JANUARIO

O Gaspar Chacina?

LUCAS (*á parte*)

É tolo.

(Alto)

O Valerio; entende agora?

JANUARIO

Como?! pois foram-se embora?
e eu... ai! que perco o miolo!

(para Sganarello)

Ah! patife! deixa estar!

SGANARELLO

Pois crê?... eu não creio.

*(Ouve-se grande confusão de vozes fóra da scena, de muita parte, e
a diversas distancias)*

UMA VOZ (*dentro*)

Pressa!

Corram!

OUTRA VOZ

Cerca! já montar
no garrano!

OUTRA

Olha a travessa,
se tomariam por ella!

OUTRA

Onde está o bacamarte?

OUTRA

Não os pilham.

OUTRA

Que esparella!

OUTRA

Braz! que estás pasmado? parte!
corre, diabo!

(Em quanto Januario e Lucas estão como pasmados a escutar toda esta confusão de vozes, Sganarello vai em bicos de pés para se esgueirar pela porta do pateo)

LUCAS (*correndo a elle, e agarrando-o ainda a tempo*)

Alto ahí!

JANUARIO

Onde vai?

SGANARELLO

Ver se os apanho.

JANUARIO

Deixe-se estar. Nunca vi
um mariola tamanho!

SGANARELLO

É verdade! e como o traste
me logrou até a mim!
(querendo sair)
Vai-m'o pagar.

JANUARIO

Não se afaste,
ou derreto-lhe o latim.

SGANARELLO

Fingir-se medico!

JANUARIO

E tu?

Deixa estur, meu traficante,
que a ti e ao teu praticante
leva-os hoje Barzabú.

Lucas, fica-lhe de guarda.
Se elle quizer dar á sola...

(Aponta para a espingarda que está ao canto da casa; Lucas põe-n'a ao hombro)

LUCAS

Despejei-lhe esta espingarda;
é curativo á hespanhola.

(Sai Januario pelo pateo para a rua; Lucas fecha a porta da sala, e fica passeando por dentro como sentinella.)

SCENA VII

SGANARELLO, LUCAS, e MARTINHA

(Martinha vem correndo do portão da rua pelo pateo, e rompe sem mais nem menos pela sala dentro, abrindo a porta com estrondo. Lucas recua assarapantado. Sganarello, que a lobrigou de relance, e não quer que ella o reconheça, vai metter-se no vão de uma janella, de costas para a scena, os cotovellos fincados no peitoril, a cara entre as mãos, e voltada para fóra)

LUCAS *(para Martinha)*

Ui! nem cobra açanhadiça
espipa assim de um vallado!
Quem é? que quer?

MARTINHA

Tão mudada
venho eu já?! sou a Martinha;
chego mesmo estafadinha!
custou-me a achar tal morada!

LUCAS

Pois sente-se.

MARTINHA

Agradecida;

O MEDICO Á FORÇA

vinha saber o que é feito
do medico, o tal sujeito
que eu lhe inculquei.

LUCAS (*á parte*)

Sovertida
sejas tu mais elle.

MARTINHA (*tirando da algibeira um abano*)

Calma...
que se não póde aturar.

LUCAS

O doutor vai a enforcar.

MARTINHA

Quem? maridinho d'est'alma!
como? a enforcar?! credo! appello.

LUCAS

É verdade.

MARTINHA

E elle que fez?
Ah! meu pobre Sganarello!
onde estás?

SGANARELLO (*voltando-se para ella*)

Aqui; não vês?
Aqui tens um padecente.

MARTINHA

Pois és tu?! com tanto acio!
(e até te acho menos feio).
Morreres sem 'star doente!!

SGANARELLO

Faz pena, faz.

MARTINHA

Coitadinho!
tão *bon vivant*!

SGANARELLO

É notorio.

MARTINHA (*em tom de muita consolação*)

Ao menos, lá no oratorio
hã-de fartar-te de vinho;
não hã-de?

SGANARELLO

Espero que sim;
e hei-de o pedir só do Porto.

MARTINHA (*enchugando os olhos*)

Sempre has-de, depois de morto
ficar muito feio!!

SGANARELLO

A mim
o que mais me ha-de custar...

MARTINHA

O que é, meu pobre innocente?

SGANARELLO

É estar a dançar no ar
diante de tanta gente!

MARTINHA

Tens razão; tens; se fosse eu...
Ih! que vergonha!

SGANARELLO (*á parte*)

Oxalá!

MARTINHA

E não ha modo?...

LUCAS

Não ha !

SGANARELLO

«Não ha !» diz este judeu !

LUCAS

E não ha.

SGANARELLO

Vem-me uma gana
de morder n'este ladrão...

LUCAS

Sim senhor, manha de cão.
Por isso morres de esgana.

MARTINHA

Então é ter paciencia

SGANARELLO

Que remedio !

O MEDICO Á FORÇA

LUCAS (*á parte*)

Estas viúvas!!...

MARTINHA

Já este anno...

SGANARELLO

Que inclemencia!

MARTINHA (*chorando*)

não comes comigo as uvas!

(*Depois de alguma pausa*)

Se me tivesses, ao menos,
deixado alguns mólhos promptos!

SGANARELLO

Lá tornas tu co'os teus contos!

MARTINHA

E isso inda tarda? os pequenos
ficaram sós.

SGANARELLO

Vai-te embora,
que me estás a consternar!

MARTINHA

Não, maridinho, já agora,
até te ver acabar
não te deixo.

SGANARELLO

Vai; não faças
mais ceremonias comigo.

MARTINHA (*depois de uma pausa em que esteve a soluçar*)

Depois de tantas desgraças,
mais esta quezilia! Eu digo...

SGANARELLO

Um abraço, com licença
ali d'aquelle senhor.
(*Abraçam-se Martinha e Sganarello*)

LUCAS

Pois não!
(*á parte*)
Forte abraçador!

SGANARELLO

Adeus, Martinha Lourença!

MARTINHA

Adeus, menino! perdôa
quaesquer palavras mal dadas!

SGANARELLO

E tu tambem, que és tão boa,
perdôa-me as bordoadas.

MARTINHA

Adeus!

SGANARELLO

Adeus!

MARTINHA

Adeusinho!

SGANARELLO (*chorando estrondosamente*)

Han! han! han!

MARTINHA (*chorando do mesmo modo*)

Hi! hi! hi! hi!

SCENA VIII

Os precedentes e JANUARIO (*que veio da rua*)

JANUARIO (*para Sganarello*)

Bom; já lá vem a caminho
quem me ha-de vingar de ti.
D'aqui, para a enxovia;
e a pão e agua.

MARTINHA

Agua, não;
coitadinho!

SGANARELLO

Não podia
trocar-me isso em carrascão?

JANUARIO

Carrasquinho, isso has-de o ter;
e não tardará.

SGANARELLO (*lançando-se aos pés de Januario, e abraçan lo-o pelas pernas*)

Senhor,
por grandissimo favor

lhe peço, podendo ser,
que me troque a dependura
por uma tunda bem dada.

MARTINHA (*ajoelhando-se tambem de
mãos postas diante de Januario*)

Bem lembrada ! bem lembrada !
tenha dó da creatura !
tóze-o, tóze-o, vá-lhe ao pello !
desanque o mais que poder.

JANUARIO (*para Martinha*)

Quem é você ?

MARTINHA

A mulher...

SGANARELLO

d'este asno ..

MARTINHA

d'este camelo...

LUCAS

d'este patife...

MARTINHA

Eu não sei
o que elle por cá lhe fez;
mas enfim, por esta vez
ha-de perdoar-lhe.

SGANARELLO

Entrudei;
mais nada; uma brincadeira
sem má tenção.

MARTINHA (*para Januario*)

Que nos diz?

SGANARELLO

Perdôa?

JANUARIO

Eu não. O juiz . .
(*Sganarello e Martinha levantam-se*)
bramou com tal maroteira.
Diz que ha-de ser enforcado,
quer queira, quer não.

SCENA IX

Os precedentes, D. JULIANA, VALERIO e JOAQUINA

(D. Juliana e Valerio, que vieram da rua pelo pateo, param á porta perplexos e envergonhados. Atraz d'elles veiu um grande rancho de aldeões e aldeãs, conduzidos por Joaquina, e trazendo suas violas, mas escondidas. Este rancho conserva-se no pateo, conversando animadamente entre si em voz baixa e não ouvida do publico. Joaquina põe-se de espreita á porta da sala, pela parte de fora, á escuta do que se passa em casa, e fazendo repetidas vezes signal á gente do pateo, para que não façam bulha, esperem, e a deixem ouvir)

JANUARIO *(venho a Valerio e D. Juliana)*

Que vejo!

inda ella tem o despejo
de me apparecer!

VALERIO *(ajoelhando, assim como D. Juliana, perante Januario)*

Prostrado

a seus pés, senhor, imploro
o seu coração paterno
em favor do par mais terno...

JANUARIO *(cruzando os braços)*

Levantem-se; o meu decoro
foi gravemente offendido.
Que me querem?

VALERIO

Restituir-lhe
a sua filha, e pedir-lhe
que absolva um arrependido.

D. JULIANA

Foi um delírio! a paixão...
Valerio...

JANUARIO (*espantado*)

E é Valerio?!

VALERIO

Sou.

E venho pedir perdão.

D. JULIANA

O amor ..

VALERIO

nos allucinou.
Fugimos co' o cego intento
de irmos casar. Reflectimos,
corámos, pesou-nos...

D. JULIANA

Vimos

O MEDICO Á FORÇA

pedir-lhe consentimento,
meu pae, meu bom pae.

VALERIO

Só quero
obtel-a da sua mão.

D. JULIANA (*saltando em Januario aos abraços e beijos*)

Por seu filho e meu irmão
lhe peço...

JANUARIO

E esperas?!

D. JULIANA

Espero
de tão bom pae tudo, tudo!
Valerio está rico.

JANUARIO

Hein? dizes?...
que Valerio?... Então já mudo.

VALERIO

Já nos pôde ver felizes.
Meu tio, o dos tres morgados...

JANUARIO

Morreu?

VALERIO

deixando-me herdeiro
a mim só.

JANUARIO (*abraçando-os*)

Filhos amados!

SGANARELLO (*à parte*)

Um medico verdadeiro
não fazia melhor cura.
Safa! escapei-me de boa!
já não vou á dependura,
e tenho a fortuna á proa.
Fico doutor.

MARTINHA

A' Martinha
o podes agradecer.

JANUARIO

Casem.

D. JULIANA

Meu pae! que prazer!
(*para Valerio*)
És meu.

VALERIO *(para Juliana)*

Juliana és minha.

JOAQUINA *(para a gente que está no pateo)*

Entrem! casam! viva!

(abrindo a porta)

TODOS OS DE FÓRA

Viva!!

SCENA ULTIMA

Todos os precedentes e os CAMPONEZES

(Os camponeses prorompem pela sala dentro. Valerio e D. Juliana d'aqui até ao fim conservam-se de mãos dadas, conversando com grande alegria, mas em voz baixa, um com o outro, e Januario ao pé da filha revendo-se n'ella. Martinha de braço dado com Sganarello; Braç e Lucas rindo um com o outro, como quem commenta tudo á socapa)

JANUARIO

Que é isto?

JOAQUINA

É a aldeia toda

que vem festejar a boda.
Viva a alegria!

TODOS

E reviva!

(Os camponezes e as camponezas começam a cantar e bailar acompanhados das suas violas)

UM CAMPONEZ *(cantando)*

Com lecencia dos sinhores
aqui vem este descante,
a dar honras e louvores
ao parzinho tão galante.

UMA CAMPONEZA *(cantando tambem)*

A noiva está com' á rosa;
o noivo todo chibante;
o pae é quem mais se gosa
de ver um par tão amante!

JOAQUINA

E eu tambem quero botári
aqui a minha cantiga,
que já sê o que é casári,
e a amesedade me obriga.

SGANARELLO (*tirando a bandurra da mão
de um dos tocadores, e acompanhando-se n'ella*)

E eu lembro ao nobre auditorio
que em dia assim de folgar,
já que escapei do oratorio
não me devem enterrar.

(*Cai o panno*)

FIM

PARECER

DO

ILL.^{mo} EX.^{mo} SR.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

THE
LIFE OF
JAMES
MILNER
BY
JAMES
MILNER

O MEDICO Á FORÇA

I

Ha em todo o insigne dramaturgo duas feições diversas, e todavia necessarias — o homem do seu tempo e do seu paiz — o homem da humanidade. Para com imparcialidade apreciar as obras de cada um, indispensavel será tomar por base esta distincção capital.

Que o poeta se chame Shakespeare, Goethe, Eschylo ou Corneille, impera e vive n'elle forçosamente uma resultante da impressão immediata das leituras, das doutrinas, do tracto coetaneo. Sejam embora os maiores, sejam os predestinados, sejam os restauradores, no proprio dom prophético, na inspiração genial, lhes ha-de transluzir a influencia das idéas dominantes. Ninguém conserva a existencia que não aspire o ambiente.

Não se pôde bem avaliar Shakespeare, o creador da escóla romantica, sem lhe mondar os conceitos postiços, o denominado *euphuismo*

de que lhe foi indispensavel servir-se para contentar o gosto cortezão, — sem lhe desbastar as rudes trivialidades que lhe foi preciso empregar para atrahir um povo educado nas ferezas da guerra civil e da lucta religiosa, — sem primeiro destrançar aquelle dédalo de horrores, naturalmente grato á indole ingleza, quando, no horizonte glorioso da fortuna e da grandeza nacional, arrayava a purpura sanguinea da filha de Henrique VIII.

Mal se entenderá Goethe, acaso herdeiro do morgado intellectual do tragico britannico, sem lhe despir o complicado symbolismo, que por fins do passado seculo se fizera a paixão e a necessidade da vaporosa Allemanha, enlevada nas ideologias kantistas.

Eschylo, o pae da antiga tragedia¹, «o que usa palavras da estructura de torres», como diz Aristophanes, Eschylo estrugirá aos ouvidos n'um

¹ Horacio, na *Arte poetica*, resume a tradição da origem rudimental e dos successivos progressos do genero. D'ahi se vê a parte larguissima que n'esses progressos cabe ao poeta de Eleusis, que em verdade criou a tragedia criando o dialogo:

Ignotum tragicæ genus invenisse Camœnæ
Dicitur, et plaustis vexisse poemata Thespis,
Quæ canerent agerentque peruncti facibus ora.
Post hunc, personæ pallaque repertor honestæ
Æschylus, et modicis instravit pulpita tignis,
Et docuit magnumque loqui nitique cothurno.

cahos de sons, mesclando o stridor das armas ao ruir das montanhas; rasgará ante os olhos abysmos sulcados de raios; do mesmo modo que o Dante, seu successor, deixará entrever a graça na emoção, como o lyrio que se debruça para a voragem; mas o vulto colossal ficará incompletamente julgado, o que n'elle ha de verdade absoluta e de verdade relativa será de todo inintelligivel, se o leitor se não tiver previamente saturado da Theogonia de Hesiodo, — se não houver entrado bem nas instituições politicas, civis e religiosas da Grecia primitiva, — sobre tudo se não procurar, no ardente patriotismo do guerreiro de Marathonia e Salamina, o segredo da inspiração possante que agita e convulsiona o poeta de *Prometheu* e das *Euménides*, «cheio do espirito de Marte» segundo o testemunho dos seus compatriotas.

Corneille emfim, o grande reformador da scena franceza, não poderá ser aquilatado com toda a justiça que lhe é devida, se não se lhe descontar o influxo das imperiosas convençoens da renascença, e ao mesmo passo a turgidez e a tendencia amplificativa da musa hispanhola, que lhe inflamou o éstro e lhe abriu o novo caminho.

Investigando mais: em Calderon, em Gil Vicente, brilha incontestavelmente a chama dos grandes talentos scenicos, mas o que n'um e

n'outro devéras pertence á humanidade pura, e conquista a admiração de todos os tempos, é a perola rara que o estudo e a reflexão precisam desentranhar de entre as affectações do seculo xvii, de entre as ingenuidades e asperesas do seculo xvi.

Descendo emfim até ao presente: se queremos desassombradamente medir o gigantesco vulto de Victor Hugo, o maior espirito poetico d'este seculo, não será preciso romper a cerração tempestuosa, cortada de visoens apocalypticas, que mais e mais parece condensar-se n'aquellas paginas em que se sente a ebulição immensa e a turbação profunda dos tempos actuaes?

E não póde deixar de ser assim.

É o theatro o espelho da vida, tanto mais estimavel quanto mais consciencioso, tanto mais prestadio quanto mais fiel. Para se elevar ao que a si deve, forçosamente ha-de extrahir— dos costumes os caracteres, isto é o homem exterior,— da natureza as paixoens, isto é o homem interior.

O poeta que a posteridade mais applaude é o que principalmente se avantajá na typificação d'este ultimo, menos instavel e por tanto mais transmissivel, sempre o mesmo na essencia e por isso perceptivel sempre. Como porém a verdade da natureza muitas vezes contraria e affronta os erros da sociedade, o talento austero,

que se faz apostolo d'essa verdade com a consciencia da sua força e a dignidade da sua consciencia, é de ordinario victima dos egoismos sublevados. Se depois da morte, justa compensação, se lhe acrescenta a gloria, durante a vida, lei inevitavel, pesam-lhe mais terriveis as provaçoens.

Molière é um d'esses a quem a imortalidade paga os juro do martyrio. Vai-se-lhe alteando indisputada a fama com a successão das geraçoens, porque nenhum engenho estudou com mais sagacidade a indole humana, nem melhor fez viver na scena as suas fraquesas.

II

Sem embargo, com ser tam profundo moralista e philosopho tam generalisador, o fundador illustre da moderna comedia tem muito da sua época. Para completamente e competentemente apreciar a verdade humana das criaçoens que lhe grangearam a perenidade da admiração, não poucas vezes importa como joeirar o que ainda n'essas é pó e residuo da sociedade contemporanea.

E quando se diz *criaçoens*, não se cuide que a tal palavra se dá, ou deu jámais, o sentido estricto, sophystico e absurdo, que só lhe attribue a mordacidade invejosa e ignara. Tudo vem

d'alguma cousa. A vida e a lei do mundo estam n'esta palavra: reproducção. Não ha primor da materia ou do espirito que não tenha a sua procedencia e genealogia, o seu processo e elementos de composição. A mediocridade villan, que é natural inimiga de todo o empreendimento ousado, tem um recurso facil para desaffogar a bilis represada: em vez de examinar á luz da rasão os meritos ou demeritos de qualquer obra que excede a craveira comum, revolve aquelles elementos, e com o triste alvoroço da malignidade satisfeita vem denunciar a ascendencia que não se esconde. Compraz-se por este modo no athletico esforço de arrombar uma porta aberta, e sinceramente imagina criar vulto afferrando-se á malsinação que a consola da esterilidade. E todavia como esta malquerença alviçareira emudecera tolhida e enleuada se lhe perguntassem: onde ha individuo sem stirpe, *proles sine matre creata*? onde se nega personalidade á progenitura com o pretexto de que já os progenitores a tiveram?

Veja-se a que desvarios chega o rancor, que até exauctora os phenomenos providenciaes da renovação impugnando as suas normas!

A critica sisuda, a critica verdadeiramente illustrada e verdadeiramente imparcial, não recorre ao ardil criminoso das medidas falsificadas. Sabe que todo o progresso deriva de

outro, e francamente confessa ambos. Por isso, discernindo sem prevenção a parte de cada um, reconhece a propriedade correspondente, e não pregôa o dictionario unico livro original, unico no entender da almotaçaria bronca, visto que dos termos que esse livro encerra se ham-de infallivelmente urdir as phrases em que outro qualquer se formule. Por isso os Boileau, os Geoffroy, os Planche, os Gauthier, os Janin, os Sainte-Beuve não recusam a qualificação de criaçoens aos productos litterarios, que, posto admittirem na sua composição outros anteriores, tomam comtudo um aspecto novo e caracteristico, mais vasto e mais completo.

Que faz o estatuario, que faz o pintor quando sinceramente aspira á idealisação da natureza pela arte? Traslada do vivo aqui uma feição, ali um accidente, além um contraste, — copia do marmore ou da tella os primores ou os effeitos que na tella e no marmore colligiram e fixaram os seus predecessores. D'este peculio bem entendido e utilizado provém augmento, assim como do capital que circula se engendra capital. Entregae taes subsidios a uma phantasia fecunda; essa os distribuirá em infinidade de grupos, que serão outras tantas composiçoens, e por sua vez ficarão modellos se o pintor se chamar Ticiano ou Rubens, se o esculptor valer Canova ou Miguel Angelo. Com as formosuras da natureza

e a galleria dos seculos, duplo thesouro, se enriquece o genio apossando-se do melhor que lá encontra. Não negareis que muito de uma e outra origem se consubstancia e revive em cada nova obra. Todos os dias o vedes no artista applaudindo-o. Por que negarieis equal faculdade ao poeta? Por que extranharieis n'este o que n'aquelle achaes necessario e louvavel?

Molière é o auctor da afamada maxima: «je prends mon bien où je le trouve». Poucos effectivamente imitaram e aproveitaram mais de outros escriptores. Não se apodera unicamente de assumptos já tratados; serve-se de idéas, de caracteres, de scenas, de lances alheios, de quanto encontra e lhe convem. Insepe quanto assim adquiriu, dictos opportunos e conceitos felizes, insepe até dialogos inteiros, se os tem por adequados ao desenho e intento da obra que o domina. É o que nas suas largas perigrinações, no tracto alternado da corte, das provincias, da burguezia, dos artistas, a observação, constantemente desperta e sollicita, lhe havia de colher e enfeixar de singularidades physionomicas, de variedades typicas, de curiosidades anedoticas!

Entretanto, nas suas mãos estas riquezas adventicias formam um patrimonio magnifico. A sua possante individualidade ficou assignalada n'um rasto de luz que ainda se não apagou.

Topou materiaes dispersos: escolheu-os, reuniu-os, edificou. Animava-o a chama criadora que paira nos ares, e vale bem mais do que o humilde fogaréo que allumia o cabouqueiro!

Teve a originalidade do architecto. É ver o que era antes d'elle no seu genero o theatro em França. A comedia de character não existia. Saiu-lhe completa d'estas combinações, e logo perfeita.

Lafontaine pertence á mesma familia de collectores sublimes. O fabulista egregio nada inventou. Achou a naturalidade, e bastou para lhe imprimir um cunho incomparavel. Quantos se poderão ufanar de eguaes honras?

A lista das imitações de Molière é consideravel. Na comedia *Os Arrufos* (*Dépit amoureux*) verte para a scena a ode 9.^a do Livro III de Horacio. O *Estouvado* deriva manifestamente do *Innavertito*, de Nicolo Barbieri, tam manifestamente como os *Amantes indiscretos*, de Quinault, procedentes de egual origem, e semelhantes á peça de Molière no plano e characteres. As *Preciosas* tem por visiveis ascendentes *Os Retratos* de Mlle. de Montpensier, e a *Preciosa*, do abbade De Pure, convertida em comedia sob o titulo de *Falsas preciosas*, o que deu lugar ás accusações de expoliação do invejoso Somaize auxiliado do bilioso Visé. *D. Garcia de Navarra*, ou o *Principe cioso*,

é directamente transladado do theatro hespanhol, e muitos versos d'este ensaio pouco feliz acham-se repetidos e aproveitados no *Misanthropo*. A idéa fundamental da *Escola dos maridos* é extrahida dos *Adelphos* de Terencio. A *Escola das mulheres*, que sublevou tantas admiraçoens apaixonadas e tantas irritaçoens injustas, é tirada da *Precaução inutil*, novella de Scarron, que a tirára já de Hespanha. O *Tartufo* tem analogia ascendencia nos *Hypochritas* do mesmo author. *Scapino* nasceu do unico lance comico produzido por Cyrano de Bergerac. O *Avarento* deve não pouco á paternidade de Plauto, e Ricoboni indica nem menos de outros quatro auctores, que n'esta peça o poeta em diversas partes imitou. O *Convidado de pedra* descende de Tirso de Molina. O proprio *Misanthropo* se orna com versos literalmente traduzidos de Luciano. Muitos dos melhores traços satyricos do grande comico podem ser originariamente estudados em Rabelais, em Bocaccio e em Montaigne. Finalmente, theatro grego, theatro latino, theatro italiano, theatro hespanhol, novellas, contos, poemas, tonilhos e villancicos populares, tudo explora, tudo utiliza.

Mas que importa, se tudo faz tam novo e tam seu, tam Molière em summa? Vem a ser como o lapidario, que das mãos do mineiro recebe o diamante nativo, calhau grosseiro, e facetando-o

o torna precioso; ou, se antes quereis como a abelha que do melhor de cada flor fabrica e enche o favo.

Referindo-se a esta faculdade de absorpção, que é commum a Shakspeare, a Corneille, e geralmente a todos os talentos renovadores, um dos muitos biographos do poeta, V. Fournel, deffine com extremo tacto e bom senso este direito de apropriação, que não é o plagiato e ainda menos o deterioramento. «L'originalité véritable (diz elle) consiste beaucoup moins dans l'invention que dans la disposition des matériaux et la manière d'en tirer parti.»

A originalidade, a superioridade, a grandeza de Molière está exactamente na sua *maneira!* Está no progresso immenso que introduziu no theatro, na verdade nunca desmentida dos caracteres que desenha, na franqueza com que d'elles deduz e tece o enredo, na contraposição eloquente dos personagens, na successão logica das situaçoens, na naturalidade do dialogo, sobre tudo na elevação de intuitos e justeza de razão que sobresaee nas suas obras capitaes.

Na primeira representação das *Preciosas ridiculas* um ancião brada da platéa sem poder ter-se:

— «Molière, animo! Essa é a verdadeira comedia!»

Saindo da estrêa das *Sabichonas*, segundo e

mais energico ataque á herança degenerada do Hôtel Rambouillet, Ménage, um dos astros do extravagante *bel-esprit* satyrisado na peça, com o honrado e pouco vulgar esforço do convencimento superior ao amor-proprio, exclama para Chapelain, author da *Pucelle*, outro corypheu da escola, e o original de Vadius se não erram as conjecturas contemporaneas:

— «Amigo, ambos hemos participado nas tolices que ahi ouvimos com tanta agudeza e tino criticar. Cá por mim direi como S. Remigio dizia a Clovis: que remedio senão deitar fogo ao que adoravamos, e adorar o que deitavamos ao fogo!»

Um sujeito afamado por sua excessiva parcimonia, acabando de ver representar o *Avarento*, pondera aos visinhos em perfeita boa-fé:

— «Ha n'esta peça preceitos de economia muito aproveitaveis!»

Molière guia os vacillantes; convence os transviados; chega a illudir os desprevenidos. Que maior triumpho para a arte? Eis o que melhor que tudo compendia os meritos do poeta!

E em que rasgos imprevistos se lhe resume o estudo do coração!

Não é preciso mais do que o «pauvre homme!» repetido por Orgonte nas primeiras scenas do *Tartufo* para logo mostrar ao expectador até onde chega n'aquella casa a cegueira pelo hy-

pocrita. No correr da peça, a formosa scena dos namorados, a que só Goldoni se aproximou, offerece um toque não menos profundo. Feitas as pazes entre os dois, a primeira observação da donzella é: «ah! ça, n'ai-je pas lieu de me plaindre de vous?» Quem desenhou jámais com tal concisão e viveza as eternas inquietaçoens e as interminaveis disputas do amor furtivo e cioso? Como o sentimento do homem deveras subjugado transluz tambem no involuntario enlevo d'aquelle: «ah! traitresse!» com que, no *Misanthropo*, Alceste acolhe as protestaçoens amorosas de Célimène, tanto as deseja ainda sem poder accredital-as! E nas *Sabichonas*, o inopinado lance de Vadius, quando, depois de censurar judiciosamente a mania dos que andam a ler por toda a parte os proprios versos, sacca do bolso o rolo enorme *dos seus versinhos*, não põe diante dos olhos a contradicção naturalissima que todos os dias se observa nas mais vulgares fraquesas? Em summa, qual ingenuidade eguala a da Agnès da *Escola das mulheres*, quando, confessada a sua paixão pelo moço Horacio, responde ás destemperadas invectivas e queixumes do mais que maduro Arnolpho: «que ne vous êtes-vous comme lui fait aimer?»

Não acabariamos se quizeramos colligir todos os traços d'esta ordem, bellezas exemplares, que se encontram a cada passo nas peças de Molière,

e sam um dos principaes segredos da sua gloria. Tinha bem rasão o escriptor que de tal homem disse: «il n'y a point d'auteur qui fasse plus rire, et qui fasse plus penser!»

III

Mas o grande poeta não chegou a estas eminencias da arte sem repetidas hesitações, sem variados tentames, sem forçadas complacencias, sem luctas p' orfiosas e duros sacrificios. Ahi sobretudo buscaremos interrogar, ainda que de passagem, o homem do seu tempo, para d'elle separar o que mais é d'esse tempo que do proprio genio.

Annos e annos, dos quaes doze de romaria provincial, durou o tyrocinio de Molière. A sua laboriosa aprendizagem está comprehendida na distancia que separa as forças *Doutor namorado* e *Medico volante* da *Escola dos maridos* e dos *Importunos*, primeiros esboços da comedia de character. Começa, tenteando o terreno e e experimentando as forças, pela servil imitação do *imbroglio* que acha em voga; levanta-se pouco a pouco, sem precipitação mas sem esmorecimento; pôde crer-se já senhor de si com as *Preciosas* e a *Escola das mulheres*; faz-se de todo senhor do genero com o *Misanthropo*, o *Avarento* e o *Tartufo*.

O novador audaz é emfim reconhecido e sau-

dado mestre, e tal passará á posteridade que lhe legitimará o titulo, não porém sem deixar o melhor da sua alma pelas asperezas da via dolorosa.

Imaginou já alguém com effeito a angustia do homem que, pela extensão dos conhecimentos e claridade do juizo, Deus elevou acima dos outros, e por isso vê mais longe e mais dentro do que elles! Avaliou-se já que penar continuo ha-de ser descortinar o verdadeiro sentido e as causas secretas de muitos actos! conhecer os rostos por baixo das mascaras, os coraçãoes por baixo dos rostos! ler nos espiritos sob a apparencia a intenção! achar ahí o objectivo das ambiçoens, a tortuosidade das intrigas, a torpeza dos pretextos, o negror das insidias, o segredo das hypochrisias! descobrir no seio de todos os fanatismos todas as impiedades! divisar os fios mal dissimulados que fazem mover tantas figuras contrafeitas! entrar assim na forçada intimidade do mal! devassar sem querer innumeras infamias, e ter de reverencial-as ou arremeçar-lhes a luva! Já se ponderou bem que genero de tormento este é? Já se mediu quanto custará de vida, quer a contemporisação, quer o repto? No primeiro caso as revoltas da consciencia? no segundo a desproporção da pugna? Quanto remordimento dilacerante, se a timidez esconde a verdade como o soldado que embainha a es-

pada diante do inimigo? Quantas linguas dardando peçonha, se uma palavra desassombrada vae turbar o conchego ás viboras aninhadas?

Prometheu agrilhado ao Caucaso, o colosso devorado do abutre por ter roubado o fogo do céo, é o symbolo eterno e sublime das faculdades e supplicio de tal homem.

Esse foi Molière. Viu mais e melhor que ninguém os vicios da sua época. Saindo gradualmente do caminho trilhado, quando se julgou suficientemente vigoroso entrou em lucta com alguns d'elles. Com alguns só, que, para não succumbir aos primeiros passos, teve de condescender e pactuar com outros. Os vicios, magoa é dizel-o tem sempre uma grande força porque tem a audacia da impudencia. Quando porém, mais do que os de um homem, sam os d'uma sociedade, quasi se podem considerar omnipotentes, e quem os provoca ha-de circumdar-se de precauçoens minuciosas, se não quer ser precipitado n'uma torrente como Icaro, ou como Encélado ficar debaixo de um vulcão!

Repartido entre esta condescendencia e esta lucta se passa o mais productivo periodo literario do poeta. Os signaes d'essa dupla influencia visiveis sam ainda, e perfeitamente se explicam. Precisava elle o favor e o concurso do publico, já como auctor, já como actor, já como director de um theatro: d'ahi as facecias grosseiras, resto

das antigas chacotas, facecias, não poucas vezes complicadas de obscenidade, com que aduba as peças destinadas a lisongear o padalar do povo, onde o gosto d'estas salgadas chocarrices andava longamente inveterado. Necessitava ainda mais em taes tempos o agrado e protecção real, principalmente depois de encetada a formidavel peleja com inimigos potentes e implacaveis: d'ahi a ductilidade, cortezan, o constrangimento perpetuo, a sujeição e dependencia, sem contar as imperfeições da improvisação forçada pelo cargo palaciano. O que de uma e outra de taes causas procede, está em Molière, mas não é Molière; vem da acção exterior, não da sua inspiração.

Indicando as influencias sociaes que entram na elaboração do poeta, estamos longe de lhe querer suscitar qualquer especie de censura.

O escriptor dramatico, é sabido, pelas proprias condicções da sua arte não póde deixar de consultar o gosto do publico e leval-o em conta. Ainda que intente reformar esse gosto, e sobre tudo por que o intente, ha-de fazer-se escutar, ou inutilisa o proposito. Seria consequentemente impossivel e absurdo encerrar-se nas regioens inacessiveis da doutrina pura e da perfeição absoluta, pois que nem as plateas podem todas ser superiormente instruidas e egualmente dotadas, nem o theatro prescinde da sensação, o mais efficaz dos seus agentes. É pois tam in-

dispensavel como justo procurar estabelecer entre o explicador e a scena uma corrente de sympathia, que se não consegue sem alguma concessão. É por tanto não menos justa essa concessão, sempre que não exceda as raias do decoro ao mesmo publico — sobre tudo dêz que este, em virtude dos modernos costumes, está mais em presença da familia, instituição fundamental cujo instincto conservador cedo ou tarde fulmina os que lhe desconhecem a valia ou lhe offendem os melindres.

Por outro lado, a situação difficil em que Molière se viu, de sobra justifica os sacrificios para se amparar á suprema potestade, unica no caso de o salvar e assegurar-lhe o triumpho, e, deve dizer-se, mais esclarecida ou melhor inspirada que o geral dos contemporaneos. Se é certo, e é, que sem esse amparo baldaria qualquer esforço, aquelles sacrificios eram impreterivel baze do proprio commettimento. E Luiz XIV valia aquella nobre confiança, por que soube n'esta parte merecer o nome de Augusto. Um dos grandes meritos que o douto historiador de França, H. Martin, nota ao celebre ministro de Luiz XIII, é este: « Richelieu avait compris l'importance du théâtre comme instrument de la grandeur intellectuelle d'un peuple. » Esta importancia, assim e tam altamente certificada por um grande escriptor e por um grande

ministro, esta evidente importancia, que hoje, em homenagem ao progresso, uns tentam negar, outros apoucar, reconhecia-a Luiz XIV da mesma forma que Richelieu; e por que bem a sabia reconhecer acolhia á sombra do seu manto o intrepido paladino da scena, forçando a recuar desarmados os mais poderosos e petulantes. Molière conspiraria contra a propria obra se tivesse a loucura de recusar a oblata que lhe propiciava o nume.

Do que teve de ceder ao publico, do que teve de ceder ao soberano, forçosamente se ha-de agora fazer o calculo e o desconto; mas ninguem pensa de certo em imputar-lh'o a culpa. E como? se, ainda fortalecido d'essa dupla escora, tanto foi ulcerado, tanto investido, tanto abalado, tanto perseguido!

Quereis verdadeiramente apreciar Molière? Contemplae-o no ardor da refrega.

Vêde como em torno ao alto vulto se congregam, sublevam e exacerbam os odios! odios tremendos porque vem do interesse! odios inextinguíveis por que vem da vaidade! Vêde os libellistas, os pamphletarios, os rutineiros, os invejosos, os calumniadores como se entendem e se abraçam no intento e no empenho de suffocar o gigante! Vêde o *Processo das preciosas*, o *Elomire hypocondriaco*, o *Retrato do pintor*, o *Improvisado do Hotel de Condé*, as *Novas noticias* (*Nou-*

velles nouvelles). a *Vingança dos marquezes*, a *Critica da critica*, a malignidade sob todas as fórmas, a diffamação avançando do escripto ao homem, do homem ao lar! Vêde Chalussay, Villiers, Boursault, Montfleury-filho, a qual distillará mais fel! Vêde as Philamintas, as Armandas, as Belisas, os Vadius e os Trissotins, os Lisidoros, os Pourceaugnacs, os Arnolphos, os Harpagons! Vêde as requintadas, as doutoras, os pedantes, os peralvinhos, os actores jactanciosos, os velhos namorantes, os plebeus enfatuados, todos os erros, todos os vícios, todos os ridiculos, como travam alliança e juram exterminio! Vêde sobre tudo os falsos devotos, ardentes no rancor, ainda meio offuscados pelos esplendores d'uma côrte juvenil, mas já preparando na sombra o reinado da Maintenon! vêde os Tartufos, potencia nova, que Molière suspeita com a intuição do genio! vêde-os tam enfurecidos da sua revelação que nem além da morte perdoam ao revelador! Vêde os mandados judiciaes e as ordenanças prelaticias! Vêde o presidente Lamoignon e o arcebispo Péréfixe! Vêde o astuto Visé, na *Carta ácerca dos negocios do theatro*, concitando artificiosamente contra o poeta as iras do throno e as vindictas dos cortezaos! Vêde Montfleury-pae entregando ao rei o famoso requerimento em que Molière é accusado de ter esposado sua propria filha,

aleivosia infame que refutaram indignados os contemporaneos! Vêde emfim, no monstruoso *Panegyrico* intitulado *O rei glorioso para o mundo, ou Luiz XIV o mais glorioso rei do mundo*, nauseabundo agregado de torpes lisonjas tocadas de idolatria e accessos de furia vizinhos da demencia, opusculo de phrase boçal que o monarcha teve o bom juizo de engeitar formalmente, vêde, diziamos, os termos em que, tractando de Molière, se exprime o autor da obra, um certo cura Pedro Roullès, interprete ingenuo de muito santarrão hydróphobo, e acaso tambem de alguma sincera piedade illudida.

Diz assim o curioso documento: « Um homem, « ou antes um demonio incarnado e com appa- « rencia humana, o mais assignalado impio e « devasso que nunca houve nos passados seculos, « teve a atrocidade e abominação de fazer sair « do seu diabolico espirito uma peça prestes a « tornar-se publica ensaiando-a no theatro, para « escarneo de toda a egreja e vilipendio do ca- « racter mais sagrado e função mais divina, « bem como para injuria do que de mais santo « na egreja ordenou o Salvador para santificação « das almas, com o designio de tornar o seu uso « ridiculo, desprezível e odioso. Por este atten- « tado sacrilego e impio merecia elle o ultimo « supplicio publico e exemplar, e até a pena de « fogo, precursor do do inferno, para expiar

«tal crime, tanto de lesa-magestade divina, que
«tende a arruinar a religião catholica, affron-
«tando e ludibriando a sua mais religiosa e santa
«pratica, que é a direcção das almas e das fa-
«milias pela intervenção de guias esclarecidos
«e directores piedosos, etc., etc., etc.»¹

Que vos parece esta amostra dos juizos coe-
taneos ácerca de uma das obras primas, não já
só de Molière, mas do espirito humano? Não
se vos patentêa ahí o que haviam de ser as
procellas temerosas em que se robusteceu, em
que se agitou, em que se desenvolveu aquelle
summo engenho arremeçando-se á immortali-
dade?

Que admira porém a celeuma? Foi sempre,
é sempre, terá talvez de ser sempre assim. Os
erros de hoje não sam mais commedidos nem
mais tolerantes. Quem não topará ahí repetidas
a cada passo analogas perfidias e analogas vio-
lencias? Não ha apontar para um abuso, que
este se não insurja irritado, declarando em si

¹ O escripto era tal que, apesar do espirito dos tempos, a edição foi totalmente supprimida e aniquilada. Conserva-se, exemplar unico, o que fora apresentado ao rei. Descubriu este precioso sobrevivente o douto bibliophilo Paul Lacroix que o communicou a H. Martin. Nas notas ao tom. xiii da *Histoire de France*, d'este ultimo, póde lêr-se integralmente o singular excerpto relativo a Molière.

offendida e arriscada a sociedade que elle explora e deprava. Se não pede tambem a fogueira para os audazes que lhe poem em duvida a impecabilidade, não é falta de bons desejos. Para essas tenebrosas usurpaçoens toda a justiça é affronta, toda a luz é ultraje. Ousae traçar as mais communs verdades da politica: virá um cardume de Graccos disponiveis bradar-vos que insultaes o povo! Ousae repetir os mais triviaes preceitos da arte: virá um coro de vestaes pudibundas arguir-vos que enxovalhaes os artistas. E nem sequer lembra aos sinceros tribunos, que sam elles os que insultam o povo quando o apresentam incapaz de comprehender o que está manifesto! Não advertem sequer as virgens innocentes, que sam ellas as que maculam os artistas quando os suppoem em hostilidade com os preceitos universaes e incontestados!

Oh! deploravel obcecação, que já Shakspeare fustigava quando na bocca de Hamlet punha aquellas maximas salutaes que mandam confiar mais na severidade que na lisonja! Oh! funesta cegueira de todos os tempos, para não dizer de todos os homens!

E ainda se esta cegueira se limitasse ás vulgares obsequiosidades, que desmaliciosamente imaginam pratica fraternal a iniqua rasoura que nivella as diversas estaturas, e para não turbar nenhum enlevo tem as mesmas medidas

para todos os meritos! Ainda se não passasse dos expedientes pequenitos e desabafos galhofeiros, com que uma ou outra soberania truanesca presume sustentar os inaufervíveis da gira e vingar a prerogativa da visagem! D'ahi não vem mal ao mundo.

O espectáculo afflictivo, o symptoma assustador é que fronteas cingidas de louros legitimos, espiritos esclarecidos, que perfeitamente conhecem o rigor do dever, o alcance das responsabilidades, os inconvenientes da confusão, se deixem, talvez por excesso de indole affectuosa, contaminar do andaço, e concorram com a auctoridade de sua valia real para diffundir mais intenso o contagio!

Desgraçado o paiz onde ninguem podesse fazer apreciaçoens genericas sem amotinar ciumes intempestivos! onde a doutrinação parecesse sacrilegio! Só cabe o silencio ao deserto e ao tumulto!

Discorre-se porém no delirio? Ouvem os phrenesis do egoismo a voz placida da rasão? Debalde se esperará. Phreneticos e delirantes ficaram os vicios imperiosos que Molière com tanto denodo ousara assaltar com as armas irresistiveis do bom senso. Se litteralmente o não espedaçaram foi por que sobre elle se estendera a mão armada do sceptro. Não podendo porém esquarterar-lhe o corpo, espostejaram-lhe a alma.

O rasto d'esse longo e desesperado duello ficou em traços eternos na collecção monumental, e é por ventura o mais eloquente d'ella.

Da indignação generosa rompeu com effeito mais viva a chama da verdade. Aquellas dores cruciantes foram as de mais de um parto sublime. Se é para sentir que homem da esphera de Molière descesse a desaffogar as suas offensas nas vulgares personalidades e retaliaçoens do *Improviso de Versalhes*, a posteridade deve inclinar-se reverente e piedosa ante as fundas amarguras, que produziram o retrato magnifico e a nobre desaffronta que se intitula o *Misanthropo!*

IV

N'este supremo esforço do estro e da razão é Molière incomparavel. Em Alceste exhalla-se elle mesmo; por isso tem esse personagem tam poderosa individualidade e é tam completamente seu. Com que eloquencia, com que auctoridade, com que rectidão e grandeza se exprime! Sente-se n'aquella erupção a febre que a gerou, mas dominada e regida por um espirito exalçado ás regioens da mais luminosa serenidade. Ha ali o calor da paixão, e ha a frieza da equidade, alliança rarissima. Poucas sam em verdade as obras de que tanto como d'esta se possa honrar e ufanar a humanidade.

Sem embargo, o *Misanthropo*, pela largueza da concepção, pela indole do assumpto, pelas severas condiçoens de execução irreprehensivel, pela rigida continencia, pela superior philosophia, exigindo meditação para ser bem entendido e devidamente avaliado, não podia com a necessaria persistencia fixar a attenção de um publico em geral affeito a outros estimulos e a outras impressoens. Criaçoens de tal ordem sam principalmente legado feito á posteridade. Bem o conhecia Molière com o seu consummado tacto e experiencia. A cohorte selecta dos entendidos e imparciaes mediu logo a valia d'aquelle raro primor; mas esse era numero naturalmente limitado, e o poeta queria com razão que ao menos o ouvissem.

D'este paternal desvello, dizem nasceu o *Medico á força*, que á duodecima representação do *Misanthropo* começou a acompanhal-o no palco, a fim de chamar a concorrencia com o atractivo de uma composição mais talhada para o gosto das turbas.

Era ainda concessão, mas concessão necessaria, e por tanto justificada, — tam justificada como a *Princesa d'Elide*, como os *Amantes magnificos* e a tragicomedia de *Psyché*, esboços engenhados á pressa, assumptos emanados de ordem superior e subordinados aos programmas de festejos reais!

Importa não perder de vista que Molière era a um tempo compositor da corte e poeta do povo. N'esta dupla qualidade como eximir-se ás respectivas obrigaçoens ou necessidades?

Não ignorava elle tambem a differença dos generos, e um dos seus insignes predicados é tomar francamente a feição de cada um d'esses generos, sem falsas aspirações nem mesclas dissonantes. Fôsse porém qual fôsse o que tractasse, ou pastoral ou farça, quer para attrahir o povo, seu freguez, quer para contentar o rei, seu patrono, ha sempre na obra executada alguma cousa de Molière, isto é, ha pelo menos a finura da observação, o sentimento da natureza, o culto da verdade. D'aqui se vê como será facil, nas suas diversas composições, com rara excepção, encontrar, ou sob a vestia bordada ou sob o gibão de Sganarello, o philosopho moralista, o pintor da humanidade, que é de todas as epoccas. Basta haver a prevenção de affastar o que n'essa composição, como fica exposto, visivelmente provém das exigencias do publico, da acção dos costumes, dos preceitos cortezãos, e dos incidentes da lucta com as depravações sociaes.

No *Medico á força* Molière trabalhou para o povo. Não tem faltado quem se lastime de que fôsse necessario o histrião para abrir caminho ao poeta, do mesmo modo que outros gemem sobre a immolação do genio forçado a espairecer

os ocios obtinados d'um despota magnifico. Não ha motivo para semelhantes exagerações, pouco justas, e quem sabe se muito sinceras. Nada mais verdadeiramente democratico do que a arte. Manifesta-se ella em fórmãs diversissimas, e cada fórmula tem as suas condições especiaes. Não é esta ou aquella de taes fórmãs que enobrece ou deprime; é o modo de entendel-a e executal-a. O soberano é sempre soberano, ou no paço entre os grandes, ou na praça entre o vulgo. Assim o genio é sempre genio, ou converse desenfastiado e chão á lareira da choupã, ou altêe o estilo, e a voz á sombra das colgaduras recamadas. Tudo está em achar para cada variedade a nota exacta, a affinação rigorosa, sem o que não será genio.

Boileau, que era aliás julgador desempoeirado e consciencioso, reprehende a Molière «o ter alliado Tabarino a Terencio.» É verdadeiro o facto, mas é injusta a censura. Na quadra em que Molière apparece, Tabarino é a moda, Terencio é a reforma. Molière, o mais fervoroso apostolo d'essa reforma, serve-se de Tabarino para exceder Terencio. Quem faria mais? Não é esta a summa habilidade?

O *Medico á força*, tirado de antigas trovas populares, é originariamente uma farça. Molière, enchendo e ampliando por aquelle modo o primitivo e estreito arcabouço do *Medico vo-*

lante, não teve outra intenção. Mas esta farça pertence no seu tanto á classe inestimavel em que se filia a *Condessa d'Escarbagnas*, *Jorge Dandin* e o *Peão fidalgo*, farças tambem, a que todavia muitas comedias não chegam. Fournel qualifica-a judiciosamente assim: « é o môdo da farça elevada até á comedia. »

E é. É pela naturalidade das locuções, pela viveza do dialogo pelo encadeamento e successão de situações, sobre tudo pela verdade dos caracteres.

Notavel singularidade! Molière teve sempre uma saude delicada, e a medicina foi o mais constante alvo dos seus motejos. Porque? Não acreditaria elle na sciencia? Não parece. O medico Mauvilain, que era o primeiro a rir d'aquellas caricaturas chistosas, foi-lhe muitos annos assistente, e inalteravelmente amigo. Desaffogaria nas saraivadas epigrammaticas o continuo penar do mal que o ia lentamente consumindo? Queria assim vingar-se da inefficacia dos medicamentos? Bem pôde ser, posto que tal engenho não desconheceria como nenhum esforço da sciencia era já capaz de empecer ou debelar a causa, sempre renovada, que lhe adiantava o padecimento e lhe apressava o fim — a perenne contracção moral que fibra por fibra lá dentro o estorcia.

Pobre Molière, que principias rindo da medi-

cina no *Amor medico*, e expiras rindo da enfermidade no *Doente imaginario*, bem sabes tu d'onde te vem o golpe mortal! Não será essa a mascara que afivellas ao rosto, para apparecer ante o publico sem dar aos teus inimigos o expectaculo e o prazer da tua agonia? Não será ultimo rasgo do genio profundo, que te leva a fazer de ti mesmo holocausto e lição, terrivel sob o gesto prasenteiro? Tendo vivido infatigavel athleta, não quererias morrer como o gladiador antigo?

As batalhas do pensamento, — as que mais adiantam a humanidade, — tem tambem os seus heroes. Molière é um d'elles. Heroe e martyr!

Entre o *Amor medico* e o *Doente imaginario*, a jovial apparição do *Medico á força* cobre talvez o mais intenso das longas angustias. Não rompe essa estrepitosa gargalhada apoz o *Misanthropo*? não se lhe aggrega? não é como a acerba ironia de reforço á grave advertencia?

Se no *Medico á força* não houvesse tanto de merito proprio, esta gloriosa camaradagem bastaria a illustral-o. Surge porém de tal associação, para quem rebusca e medita as tribulações do grande poeta, um quê de mysterioso e como emblematico. Desditoso laureado, não seria possivel á investigação paciente, indo além da versão conhecida, decifrar o intimo sentimento que te inspirou aquella singular enxertia?

Bazin, Fortia d'Urban, Belfara, Auger, Raymond, e não ha muito Eudoro Soulié deram-se á minuciosa inquirição dos teus actos e dos teus passos, sem lhes escapar noticia ou archivo; Chamfort, Gaillard, Bailly, La Touche teceram o teu elogio; Walter-Scott, Voltaire, Taschereau fizeram-se teus biographos; La Harpe, Picard, Aimé-Martin, Sainte Beuve, Charles Nodier teus apologistas. Quem se encarregará de recompor com os fragmentos da tua alma, meio escondidos no espinhal que se te debruça para o veio satyrico, a symbologia ignota dos teus secretos tormentos? Ai! Molière! se achas commentadores como os do Dante!...

V

Quando a Academia franceza quiz, para honra sua, tributar completa e notoria homenagem ao precito dos odios que se fizera brazão da patria, aquella corporação illustre adoptou com significativa modestia, para o busto do poeta, este conceituoso e nobre distico proposto por Saurin:

Rien ne manque à sa gloire; il manquait à la notre!

O que o primeiro instituto scientifico da França em 1778 memorava, podiamos nós, senão com mais razão, com igual sentimento, dizel-o não

ha muito. Molière é universal reputação, mestre e modello para todos, e faltava-nos! Salva a traducção do *Tartufo*, feita para se representar no theatro do Bairro Alto, e publicada em 1768 sob o nome do capitão Manuel de Sousa, posto que José Maria da Costa e Silva com pouco fundamento a attribua a Filinto Elysio, salva a do *Peão fidalgo*, destinada ao mesmo theatro e indubitavelmente do mesmo capitão, que a publicou em 1769, e uma antiga imitação do *Convidado de pedra*, que, se nos não falha a memoria, vimos ha annos, sem depois a termos podido encontrar, o theatro de Molière está ainda por acclimar e vulgarisar como se precisa. E ainda as duas versões de Sousa, com quanto não desestimaveis, mal se podem contar. A traducção do *Tartufo* é em prosa, do mesmo modo que a do *Peão fidalgo*, e ninguem ignora como um grande poeta só póde ser cabalmente interpretado por outro grande poeta!

O illustre academico o sr. dr. Antonio Feliciano de Castilho, o egregio cantor dos *Ciumes do Bardo*, que já fez Ovidio, Anacreonte e Virgilio portuguezissimos, encarregou-se de encher vacuo tanto para sentir e envergonhar. Á sua incansavel e productiva laboriosidade devemos já duas das obras primas do theatro de Molière, as *Sabichonas* e o *Tartufo*, ambas renascidas em versos maravilhosos, e ambas em vespervas

de publicação, crêmos. Agora sae á luz o *Médico á força*, passado de prosa para verso-re-dondilha, isto é, magnificado na metrificação de mais e melhor sabor peninsular!

O sr. Castilho é homem a quem não póde já ser licito endereçar encarecimentos que se fizeram banaes. Seria faltar-lhe ao respeito. O proprio entusiasmo ha-de ter na sua presença a casta sobriedade que é a maior demonstração de acatamento. Aquellas mãos, prodigas de prodigios, seguram o sceptro indisputado da poesia nacional. Diante da verdadeira magestade não se deve permittir cousa que se confunda com affectação ou demasia.

Diremos pois sinceramente, mas parcamente. Trabalhos ha que escusam apologias: fallam elles por si.

O sabido proverbio italiano: *traduttore, traditore* é sobre tudo applicavel aos que vertem a palavra desfigurando a idéa, — a grande maioria. Nada com effeito mais infiel do que uma traducção absolutamente litteral. Se quereis desenganar-vos, comparae um texto servil ao original correspondente. Desconhecereis este, repugnar-vos-ha aquelle, este por desfigurado, aquelle por contrafeito. O verdadeiro traductor — e por isso raros sam elles! e por isso necessitam grandissimas faculdades! — o verdadeiro traductor é o que primeiramente se apodera do espirito do

auctor, e depois o transvasa inteiro para o novo molde, adequando feição a feição, estileo a estileo, genero a genero, sem todavia desflorar o idioma para que traduz. Experimentae; vereis quanto é ardua qualquer versão n'estas rigorosas condicçoens. D'ahi lhe vem o merito.

Quem não conhece as *Metamorphoses*, os *Amores*, a *Lyrical*, os *Fastos*, as *Georgicas*, esses portentos da arte antiga que o sr. Castilho transplantou do Lacio e Grecia com todos os seus primores nativos, ás vezes accrescentados?

Quem a um tempo se não assombra e desvanece na contemplação d'aquella musa oppulentiissima, que lucha victoriosamente com os mestres de Roma, e depois de egualar o portuguez mais puro ao latim mais culto, se faz em querendo francesa ou italiana, francesa como a de Lamartine, italiana como a de Mazoni?

Nas novas traduçoens, antes reconstruçoens, ha a mesma veia inexaurivel, a mesma singular propriedade, e vernaculidade egual, e elegancia incomparavel. Confundem-se no abraço os dois grandes poetas. E se Molière nacionalizado transmite a Castilho o thesouro das suas profundas concepções, paga-o Castilho a Molière enriquecendo-lhe a fórma, assim como, purificando-o dos descuidos filhos da precipitação, que ás vezes o desdouram, o resgata de uma

das mais justas censuras que lhe tem sido feitas.

No *Medico á força* o trabalho é ainda maior. Não só passou este da prosa ao verso, — e a verso de Castilho! — mas recebeu consideraveis modificaçoens e melhorias. Algumas scenas foram desenvolvidas e completadas; outras expurgadas de temeridades de locução hoje inadmissiveis. Não poucos episodios e accessorios passaram por alteraçõens que os tornarão mais intelligiveis ou mais acceitaveis. A divisão dos actos é tambem diversa; egualmente se effectuou mudança util no logar da scena, particularmente no 4.^o acto.

Não fica n'isto. O fraco de Molière, principalmente nas suas peças menos meditadas, era a negligencia no conduzir a acção e a insufficiente preparação do desenlace. Nasciam-lhe estes defeitos exactamente das maiores qualidades. Para elle os caracteres eram tudo: d'ahi a rara perfeição dos seus typos. Fabula e situaçoens manavam d'esta fonte principal, correndo como á vontade. A sua preocupação maior consistia em que nunca o personagem se desmentisse. Se este methodo proporcionava notavel desafogo e naturalidade, tambem necessariamente occasionava ommissõens e irregularidades que redundavam em confusão, rematando n'aquelles desfechos subitaneos e incompletos que

lhe sam frequentes. O *Medico á força* peccava não pouco por estas culpas. Remiu-lh'as tambem o sr. Castilho, supprindo as falhas, fazendo desaparecer as obscuridades, e dando-lhe um novo final.

O que o poeta portuguez laborou n'esta peça é semelhante ao que o proprio Molière fez nos esqueletos de muitas a que deu vida nova. O maior serviço porém que talvez lhe prestou foi, não já revestil-a, mas remoçal-a. Remoçou-a com efeito apropriando-a á actualidade, nacionalisando-a por fórma que as suas melhores intenções comicas se avivam e tornam intelligiveis a todos, desempecendo-a em fim de quanto n'ella andava antiquado, já moral, já materialmente; por outra, conservando quanto ahi havia do Molière de todos os tempos, que era o optimo, substituindo quanto sobrava do tempo de Molière, que era o inutil, se não prejudicial. A jovialidade, a naturalidade, a verdade que essencialmente caracterizam tal composição, tornam-se por este modo como que mais palpaveis. Mal se poderá chamar traducção ao que assim se fez cabal metamorphose.

A distincção fundamental, que tem sido a bem dizer o thema d'estas consideraçoens, achase aqui levada á pratica n'um trabalho precioso, que rubrica um nome illustre. A authoridade de tal nome e tal exemplo não estará dando normas

de proveitosa cultura ? não patenteará um campo vasto e fecundo, que só espera arroteadores sollicitos ?

O *Medico á força*, com receber esta gloriosissima carta de naturalisação, subiu em cathogoria. É já definitivamente comedia, comedia popular e comedia nacional, que sob as propriissimas plebeidades da lingua rustica, essencial e obrigatoria na maioria dos seus personagens, contem reunidas a lição e observação dos dois altissimos engenhos.

Desappareceu na nova peça a quasi totalidade dos incidentes licenciosos, a que no intento já exposto, Molière ás vezes propendia, e dos quaes bem se podéra dizer, como nas cançoens do nosso grande epico :

Fraquezas sam do corpo que é da terra,
Mas não do pensamento que é divino !

E se no livro ficou, posto mais atenuada, alguma familiaridade, que o escrupulo das platóas poderia ainda extranhar na scena, é justamente por haver ahí, como effectivamente ha, envolta com liberdades que se fizeram anachronicas, uma situação tam francamente comica e risonha, que o desvello respeitoso do associado de Molière não teve animo de amputal-a. Comprehende-se.

O *Medico á força* foi destinado á festa artistica do excelente Taborda. Merece este o mimo, e merecem-n'o os que o acompanham. É tempo que os nossos actores de verdadeiro merito—os que podem e sabem, sempre que queiram, ser conscienciosos interpretes de obras conscienciosas, os que sabem e devem levantar-se levantando o theatro,—é tempo, repetimos, que esses exercitem com mais frequencia as suas faculdades em criaçoens dignas d'elles. Ganhará n'isso o publico e a arte; ganharão tambem os artistas. Confiamos que lh'o demonstre a experiencia.

A quadra vae-se desenhando propicia á renascença das boas letras na scena. Cordeiro tem um drama em ensaios; seguir-se-ha Pinheiro Chagas, aurora que promette um astro; virá apoz o auctor do *Mario* com uma estrêa que deve fazer época.

Na frente d'estas enfloradas esperanças Molière revivendo em Castilho!

Animo, esforçados obreiros da restauração! Não podieis ter mais alto pharol para allumiavos, nem diante dos olhos mais largas perspectivas! Animo! sustentae o edificio vacilante da Thalia nacional. Exorta-vos tambem a sombra de Garrett, a grande sombra que ali vaguêa ainda, saudosa de ter deixado o templo mal lhe abra os alicerces!

A nacionalisação de Molière por Castilho, — isto é, um verdadeiro acontecimento litterario, — suggeriu estas apressadas e incompletas reflexoens. Reportam-se ellas principalmente á physionomia e aos lineamentos mais geraes do creador da comedia moderna; querem apenas ser uma como saudação ao hospede glorioso, que nos entra finalmente para casa em toda a sua verdadeira grandeza, e n'ella se fixa em companhia que ainda o realça: analyse proporcionada ao trabalho effectuado, nem a intentam.

Não cabe ao discipulo julgar o mestre!

FIM



ALVARO DAS NEVES DE LIMA

A VENDA NO ARMAZEM DA ACADEMIA

Rua do Senado da Câmara, 117 - Lisboa

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Memórias da Primeira Classe, tòm. vii, part. ii	15\$00
Memórias da Segunda Classe, tòm. xiv	15\$00
Actas das Assembleas Gerais, vol. v	6\$00
Actas da Primeira Classe, vol. ii	3\$00
Boletim da Classe de Letras, vol. xvi	15\$00
Jornal de Ciências Matemáticas, 3.ª série, n.º 19	3\$00
Cartas de Afonso de Albuquerque, vol. vi.	20\$00
Portugaliæ Monumenta Historica «Inquisitiones», vol. i, fasc. vi	25\$00
ALMEIDA LIMA — Curso de física geral, tòm. iii, fasc. iii	13\$00
CASTILHO — Teatro de Molière — O Tartufo, 2.ª ed.	8\$00
" " — As Sabichonas, 2.ª ed.	8\$00
" " — O Avarento, 2.ª ed.	8\$00
" " — O Misanthropo, 2.ª ed.	6\$00
" " — O doente de scisma, 2.ª ed.	6\$00
DAVID LOPES — História de Arzila	25\$00
Colecção de livros inéditos, tòm. iv, 2.ª ed.	50\$00
GOMES TEIXEIRA — Panegiricos e conferências	10\$00
Escritos de D. Pedro V, vol. i, ii, iii e iv	60\$00
CRISTÓVÃO AIRES — Dicionário bibliográfico da Guerra Pen- insular, vol. i e ii	30\$00

COMISSÃO DOS CENTENÁRIOS DE SEUTA E ALBUQUERQUE

ANTONIO BAIÃO — Alguns ascendentes de Albuquerque	15\$00
Documentos das Chancelarias Reais, tòm. i (publicados por Pedro de Azevedo)	20\$00
VIEIRA GUIMARÃES — Marrocos e três mestres da Ordem de Cristo	30\$00
D. JERÓNIMO DE MASCARENHAS — Historia de la ciudad de Ceuta (publicada por Afonso de Dornelas)	20\$00
BERNARDO RODRIGUES — Anais de Arzila, tòm. i e ii (publi- cados por David Lopes)	40\$00
Registos paroquiais da Sé de Tânger (publicados por José Maria Rodrigues e Pedro de Azevedo)	20\$00
Documentos do Corpo Chronologico relativos a Marrocos, publicados por Antonio Baião	10\$00

À VENDA NO ARMAZÉM DA ACADEMIA

Rua da Academia das Ciências, 113 — Lisboa

